



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS/INGLÊS

WINNY PALLOMA COSTA MAGALHÃES

**AS VOZES TRANSGRESSORAS DE MULHERES NEGRAS EM “JUMPING
MONKEY HILL”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

JOÃO PESSOA, PARAÍBA
2023

WINNY PALLOMA COSTA MAGALHÃES

**AS VOZES TRANSGRESSORAS DE MULHERES NEGRAS EM “JUMPING
MONKEY HILL”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras - Inglês da
Universidade Federal da Paraíba como requisito
para a obtenção do grau de licenciado em Letras-
Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo.

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M188v Magalhaes, Winny Palloma Costa.

As vozes transgressoras de mulheres negras em
"Jumping Monkey Hill", de Chimamanda Ngozi Adichie /
Winny Palloma Costa Magalhaes. - João Pessoa, 2023.
50 f.

Orientador: Flávia Santos de Araújo.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2023.

1. Colonialismo. 2. Opressão. 3. Voz feminina. 4.
Transgressão. 5. Adichie, Chimamanda. I. Araújo, Flávia
Santos de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-34

WINNY PALLOMA COSTA MAGALHÃES

**AS VOZES TRANSGRESSORAS DE MULHERES NEGRAS EM “JUMPING
MONKEY HILL”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para a obtenção do Título de Licenciado em Letras - Inglês no Curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 01/11/2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo (DLEM – UFPB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva (DLEM – UFPB)
(Examinadora)

Profa. Dra. Liane Schneider (DLEM – UFPB)
(Examinadora)

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva (DLCV – UFPB)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me ensinarem a ser a pessoa que sou hoje; e em especial à minha mãe, por ser a inspiração para esse trabalho.

Ao meu marido, Jefferson Medeiros, por não medir esforços para apoiar e ser uma base para mim, desde a minha inscrição no Enem até hoje.

À minha orientadora, Flávia Santos de Araújo, por toda sua paciência, encorajamento, empatia e afeto, por me ajudar e orientar em meio a minha rotina atarefada. Obrigada por me mostrar novas perspectivas e por ter acreditado em mim desde o início.

Aos meus amigos da graduação, que hoje são parte da minha vida: Igor Mateus e Biancka Baracho. Obrigada pela parceria, risadas e incentivos desde o primeiro período.

À amiga que cuidou de mim e me incentivou durante todo esse processo, Andréa Bezerra.

À minha coordenadora, Janaína Bandeira, por seu olhar humano e gentil, que foram fundamentais para a escrita desse trabalho.

Às colegas de profissão que tanto me ensinaram sobre educação, afetividade e parceria: Risoneide Carlos, Zuleide Amorim e Priscila Monteiro.

Às professoras Liane Schneider, Danielle Luna e Franciane da Conceição Silva pelo aceite em fazer parte da banca e pelas valiosas recomendações para este trabalho.

Aos professores da graduação que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

A Deus, por me dar o sonho de ser professora e ser minha luz durante toda a jornada.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de analisar as vozes transgressoras femininas no conto “Jumping Monkey Hill” de Chimamanda Ngozi Adichie, percebendo como as personagens femininas negras usam as suas vozes para romper com o silenciamento que é imposto a elas e suas ancestrais desde o período colonial. Assim, este estudo se debruça sobre como o chamado Oriente é moldado por uma visão ocidentalista e como essa visão contribuiu para a expansão do sistema colonial europeu. A partir desta discussão, a pesquisa identifica algumas características do colonialismo e do patriarcalismo, que, juntos, perpetuam uma imagem hiper sexualizada, exótica e desumanizada da mulher negra. O trabalho se fundamenta, ainda, em pilares teórico-críticos do feminismo negro, sob a ótica de importantes intelectuais negras como bell hooks, Patricia Hill Collins, Oyeronke Oyewumi, Grada Kilomba e Djamila Ribeiro, traçando uma trajetória até Chimamanda Adichie e sua escrita transgressora. Ao percorrer elementos do conto de Adichie, o trabalho ressalta como a construção de personagens femininas negras ilustram o uso da voz (e da escrita) em processos de agenciamento e empoderamento feminino.

Palavras-chave: Colonialismo. Opressão. Voz feminina. Transgressão. Chimamanda Adichie.

ABSTRACT

The aim of this monograph is to analyze the transgressive female voices in Chimamanda Ngozi Adichie's short story "Jumping Monkey Hill", looking at how the black female characters use their voices to break the silencing that has been imposed on them and their ancestors since the colonial period. Thus, this study looks at how the so-called Orient is shaped by a Western vision and how this vision contributed to the expansion of the European colonial system. Based on this discussion, the research identifies some characteristics of colonialism and patriarchy, which perpetuate a hyper-sexualized, exotic, and dehumanized image of black women. The work is also based on Black Feminist theoretical-critical pillars, from the perspective of important black women intellectuals such as bell hooks, Patricia Hill Collins, Oyeronke Oyewumi, Grada Kilomba, and Djamila Ribeiro, weaving a path to Chimamanda Adichie and her transgressive writing. By traversing elements of Adichie's short story, this study highlights how the construction of black female characters illustrates the use of voice (and writing) in processes of female agency and empowerment.

Keywords: Colonialism. Oppression. Female voice. Transgression. Chimamanda Adichie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO À ESCRITA TRANSGRESSORA FEMINISTA	16
1.1 Colonialismo e gênero na Nigéria	16
1.2 A emergência do discurso feminista	20
1.3 A escrita transgressora de mulheres africanas: o lugar de Chimamanda Ngozi Adichie	23
2. DO FEMINISMO À INTERSECCIONALIDADE: A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA PARA ROMPER COM OS ESTERÍOTIPOS COLONIAIS NA MODERNIDADE	25
2.1 O feminismo negro	25
2.2 Interseccionalidade: o feminismo negro unindo raça e gênero	27
3. “JUMPING MONKEY HILL” E A TRANSGRESSÃO DO SILENCIAMENTO FEMININO	32
3.1 O contexto de “Jumping Monkey Hill”	32
3.2 Elementos narrativos do conto: o poder da escrita	33
3.3 Os vestígios coloniais em “Jumping Monkey Hill”	34
3.4 Rompendo a barreira do silêncio: a potência feminina negra no conto “Jumping Monkey Hill”	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar como as vozes transgressoras femininas negras são representadas no conto “Jumping Monkey Hill”, de Chimamanda Ngozi Adichie, entendendo como os vestígios coloniais fazem parte da história e como o silenciamento imposto pelo sistema colonial é rompido. Assim, o capítulo 1 apresenta um panorama histórico sobre o colonialismo britânico, a história política e luta pela igualdade de gênero na Nigéria, a subalternidade como herança colonial, além de vida e obra de Adichie. No capítulo 2 são discutidos importantes temáticas como o pensamento feminista através dos tempos, o feminismo negro e a interseccionalidade. No capítulo 3 acontece o resumo e a análise do conto à luz do referencial teórico construído anteriormente. O trabalho é concluído com as considerações finais e as referências bibliográficas. Diante do exposto, se faz necessário entender como a construção da imagem do Oriente como um lugar a ser explorado influenciou - e ainda influencia - a vida de tantas mulheres negras.

Lugares exóticos, magia, mulheres bonitas e sedutoras, homens com pouco conhecimento, povos de cultura inferior, subalternos. Por anos, essa foi a imagem que muitas pessoas tiveram de países do Oriente, incluindo os países africanos. Ao lançar o livro “Orientalismo”, Edward Said, deu nome à construção imagética e cultural que os grandes impérios europeus - em especial, o Britânico - fizeram de países orientais e africanos, que foram (e ainda são) colonizados e inferiorizados por aqueles. A ideia de exotismo implicada no conceito aparece na seguinte explanação do autor:

O Oriente não está apenas adjacente à Europa; é também onde estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das suas mais profundas e recorrentes imagens do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste. Contudo, nada desse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é parte integrante da civilização e da cultura materiais da Europa (SAID, 2007, p.13-14).

À medida que os impérios europeus foram percebendo a riqueza mineral e material que havia no Oriente e na África, eles foram intensificando a colonização e impondo sua cultura e seus hábitos, construindo um discurso no qual os povos orientais e africanos eram vistos como “pobres” de cultura, de conhecimento e de religião. Para justificar essa visão eurocêntrica e sua presença nos territórios colonizados, os impérios espalharam suas ideologias políticas, estabelecendo relações de poder nas quais aumentavam seus territórios, se definindo como

donos das terras ocupadas, à medida que o povo se tornava submisso a eles. Como ferramenta de apoio, líderes locais eram escolhidos visando comandar o povo e gerir seu trabalho.

Tal fenômeno pode ser observado se tomarmos como exemplo a colonização da Nigéria. O país foi colônia do império Britânico e começou a ser explorado no século XVII. O interesse inglês contemplava produtos como óleos, cacau e grãos, além de mão de obra escrava. O processo de escravização dos nigerianos não foi simples, dado à resistência do povo, e como consequência houve a necessidade do uso de tropas e força militar por parte do império britânico. Com o passar do tempo, o império separou a Nigéria em dois protetorados, o do Norte e o do Sul. No primeiro, a coroa britânica não encontrou tantas riquezas naturais e teve mais dificuldade para impor seus costumes e religião, predominando a religião já existente, a muçulmana. Já no Sul, a situação foi diferente, dado que a região era rica em minerais e com solo fértil. Assim, para manter seus interesses e transformar o local em um importante ponto de exploração, o centro imperial investiu em estradas, rodovias, portos, departamentos médicos e policiais, além de educação europeia para os homens nigerianos.

Em 1914, o império decidiu juntar os dois protetorados e reestabelecer a ideia de uma única nação, o que causou diversos conflitos e mortes, pois além dos povos serem demasiadamente diferentes, um protetorado queria governar e dominar o outro. Em 1960, o país se tornou independente da coroa britânica, mas a luta pelo poder não acabou, uma vez que, agora o foco era saber se o país seria governado por um representante do Norte ou do Sul. Esses conflitos culminaram em uma guerra civil, de 1967 a 1970, também conhecida como a Guerra da Biafra. Mesmo com o fim da guerra, o país ainda enfrenta instabilidade política e ataques de grupos extremistas.

Outra consequência deixada pelo império britânico na Nigéria foi o patriarcalismo. O termo tem origem grega e “surge da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando)” (MOREIRA, 2019, p. 23). Caracteriza-se por ser um sistema de estrutura familiar que coloca o homem como o centro e o mais importante da família; enquanto a mulher é secundária, devendo ser submissa e subordinada àquele.

A escritora, socióloga e professora nigeriana, Oyeronke Oyewumi, em suas obras sobre as sociedades africanas mostra que, o patriarcalismo é uma hierarquia familiar na qual o homem é o provedor financeiro do lar e a mulher é responsável por atividades domésticas - incluindo cuidar dos filhos. Isso ratifica a ideia dessa característica ser um traço da sociedade Ocidental, ou seja, trazido e instaurado pelo colonizador branco europeu, uma vez que a divisão de gêneros não era comum nas sociedades pré-coloniais africanas (FOCHI; ZIRBEL; 2020).

Para a autora, o conceito de família euro-americana baseia-se na distinção de gêneros e nos papéis de cada um. Assim, tem-se que “(...) gênero é antes de tudo uma construção sociocultural” (OYEWUMI, 2004, p. 2) uma vez que, a mulher é vista, primordialmente, como esposa, mãe e responsável por atividades relacionadas ao ambiente doméstico, ficando sempre restrita a esse ambiente e essas funções. Dessa forma, a autora considera que “distinções de gênero são fundantes do estabelecimento e funcionamento deste tipo de família. Assim, o gênero é o princípio organizador fundamental da família, e as distinções de gênero são a fonte primária de hierarquia e opressão dentro da família nuclear” (OYEWUMI, 2004, p. 4).

Fernanda Chamarelli de Oliveira, no artigo “O matriarcado e o papel social da mulher em África: uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos” (2018) usa diferentes autores africanos para apontar que, existem estudos que indicam que até o século XVI, a sociedade africana era matriarcal. A autora cita a nigeriana Ifi Amadiume para mostrar uma perspectiva sobre o matriarcado.

O matriarcado para autora [Amadiume] ocorre através do papel que a mulher assume enquanto mãe, dentro de uma unidade matricêntrica, sendo esta definidora da cultural matriarcal. O poder exercido pela mulher nas sociedades africanas derivava da importância sagrada que era concedida à maternidade, que era visto como algo quase divino, diferenciando o status e a experiência social das mulheres africanas em relação às europeias. O âmbito familiar não era assim restrito, como na sociedade patriarcal, ao âmbito doméstico (DE OLIVEIRA, 2018, p. 326).

Assim, a chegada do homem branco e do sistema colonial mudaram a organização da sociedade africana e nigeriana, pois o patriarcado indica um sistema pensado para legitimar o ‘poder’ masculino. Isso inclui a política, a economia e a religião. Essa última é um importante traço da cultura da Nigéria, e muitas vezes transmitido oralmente de geração para geração. A religião era bem diversificada, algumas monoteístas, crendo na força de um Deus superior; outras politeístas, acreditavam que o poder estava na natureza e nos animais. Porém, a mudança de hábitos e costumes imposta pela colonização foi modificando esse cenário religioso e reafirmando a dominação masculina: “Deus é masculino; criou os homens para governarem e as mulheres devem assumir um papel de submissão e obediência” (FOCHI, ZIRBEL, 2020, p. 68).

A ideia de a religião cristã tratar a mulher como submissa ao homem existe desde a criação do mundo, uma vez que as mulheres “não foram criadas e moldadas por Deus e sim, retiradas da costela de Adão, o primeiro homem (segundo as escrituras cristãs) o que dá subsídio para o discurso de inferioridade usado contra as mulheres dentro dos templos religiosos” (SIRELLI; DE SOUSA; 2017, p. 205). Além disso, Eva, a primeira mulher, é vista como

transgressora, pois ao descumprir as ordens de Deus, pecou e depois levou Adão a pecar, inserindo o pecado na humanidade. Já Maria é um exemplo de mulher a ser seguido, pois é apresentada como pura e casta, uma mulher passou a ser vista de forma diferente depois que se tornou mãe e se dedicou a sua família, reforçando a importância do maternar e do cuidado com a família e o lar dentro da religião¹ (SIRELLI; DE SOUSA; 2017).

No campo artístico, a literatura africana (e nigeriana) também não era valorizada. Durante o império britânico, predominou a chamada literatura colonial, na qual o homem branco europeu era visto como herói e os africanos como subordinados que precisavam da ajuda do europeu para viver melhor ou para serem salvos de sua cultura inferior. Dessa forma, retomamos o conceito inicial desse texto, o Orientalismo, de Said, para mostrar que houve toda uma construção europeia, incluindo a literatura, para referendar “a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus” (SAID, 2007, p. 18).

Em 1956, aconteceu em Paris, o Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, que foi visto como um momento “premente para a percepção das multiplicidades e disputas em torno do estabelecimento de uma identidade negra e africana em meio a processos de radicalização e afiliação a discursos anticoloniais e terceiro-mundistas, bem como a movimentos de independência em África” (DOS REIS, 2011, p. 2). Esse foi um importante momento em que a literatura africana ganhou destaque. Dois anos depois, em 1958, o escritor nigeriano, Chinua Achebe publica *Things Fall Apart* (O mundo se despeça), seu romance mais famoso que conta história de um guerreiro da etnia *igbo* que vê sua vida mudar após a chegada do colonizador branco.

Achebe vivenciou a colonização britânica na Nigéria e por isso o assunto faz parte da sua escrita. Ele retrata o ponto de vista do colonizado e faz isso através “de uma linguagem forte e contundente, e por isso sua obra é considerada um impulso de caráter determinante para a atividade literária na Nigéria” (ROCHA, 2016, p. 152). Porém, a escrita de Achebe mostra o ponto de vista masculino do colonizado, e retrata a mulher como um ser subordinado ao homem colonizado, inferiorizando-a ainda mais. É com as escritoras africanas que a mulher deixa de ser uma simples subalterna e passa a ser a protagonista das histórias.

¹ Ao pensar no contexto atual, temos que o catolicismo ainda é importante e presente na Nigéria. Uma pesquisa publicada pelo Pew Research Center, em 2012, revelou que, 49,3% da população eram cristãos, 48,8% eram muçulmanos e os outros 1,9% seguiam outras religiões. Tais dados ratificam a influência do colonialismo no país, mas também revelam que a Nigéria apresenta uma diversidade étnica-religiosa para além do cristianismo. Apesar da forte presença cristã e seus valores ideológicos, há que se reconhecer outras cosmologias e, portanto, outras maneiras de perceber papéis sociais de gênero.

Em 1966, com o apoio de Achebe, Florence Nwanzuruahu Nkiru Nwapa - conhecida como Flora Nwapa - tornou-se a primeira escritora africana (e nigeriana) a ter sua obra publicada em inglês e a se tornar conhecida internacionalmente. Seu livro, *Efuru*, retrata uma mulher *igbo* forte e independente, apesar de todas as adversidades que surgem em seu caminho. Nwapa influenciou outras importantes escritoras nigerianas, como Buchi Emecheta e Chimamanda Ngozi Adichie.

Em sua vida, Emecheta passou um casamento abusivo e depois de conseguir o divórcio, cuidou sozinha dos filhos e pôde se dedicar à escrita. Em 1979, publicou seu livro mais famoso *The Joys of Motherhood* (As alegrias da Maternidade), que conta a trajetória de uma mulher que, depois de muitas dificuldades realiza seu sonho de ser mãe; mas essa maternidade não é tão ‘feliz’ quanto imaginava.

Outros livros importantes de Emecheta como *Cidadã de segunda classe* e *No fundo do poço* foram publicados no Brasil em 2018 e 2019, respectivamente. Em 2017, por indicação de um clube de assinaturas de livro e da própria escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a obra mais conhecida de Emecheta chega ao Brasil. Isso se deve ao fato da escrita de Adichie ser influenciada por Emecheta, por ambas retratarem a visão de personagens femininas africanas, apresentando dificuldades, perspectivas e preconceitos que essas mulheres sofrem. Sobre as obras de Emecheta citadas no parágrafo, Cortês e Andrade explicam que elas

são centradas em personagens femininas, com fortes imposições da cultura nigeriana, contendo muitas referências autobiográficas, o que nos mostra a dificuldade da autora/personagem em encontrar o seu lugar entre às tradições nigerianas e a modernidade ditada pelo colonialismo inglês (...) (CORTÊS; ANDRADE, 2020, p. 6).

Falando dos tempos atuais, temos Chimamanda Ngozi Adichie como uma representante feminina da escrita nigeriana bastante ativa na mídia. Em suas obras, Adichie retrata personagens femininas fortes que lutam para combater o preconceito, que desejam ser vistas e ouvidas, transgredindo e saindo do lugar de subalternidade que as mulheres tiveram (e ainda tem) que tolerar. Seu primeiro romance *Purple Hibiscus* (Hibisco Roxo), publicado em 2003, traz a história de uma adolescente que vê sua vida mudar e é forçada a repensar seus valores após ir morar com a tia, devido a uma guerra em seu país. O livro apresenta temas importantes e atuais, como as tradições de um povo, intolerância religiosa e vestígios da colonização europeia. O livro se tornou um sucesso entre o público e a crítica.

Já em 2009, dois fatos marcaram sua carreira: sua apresentação na conferência TED Talks intitulada *The danger of a single story* (O perigo de uma única história) que usa metáforas

para falar que toda história tem múltiplos lados e quando não os conhecemos, acreditamos apenas em um deles. Adichie faz referência à perspectiva ocidental que foi construída pelos europeus e fortalecida pelos estadunidenses ao longo dos anos de que os africanos são subservientes e sem cultura. O segundo fato importante foi o lançamento do seu livro de contos *The thing around your neck* (No seu pescoço). Contendo narrativas distintas que possuem como cenário a Nigéria e/ou Estados Unidos, acompanhamos mulheres diferentes tentando sobreviver às dificuldades que a vida lhes impõe.

Dentre essas histórias, destacamos o conto “Jumping Monkey Hill”, nosso corpus de pesquisa. Nele é narrada a história de uma jovem (Ujunwa) que, movida pelo desejo de se tornar uma escritora, se inscreve em um *workshop* para Escritores Africanos nos arredores da cidade do Cabo. No *workshop*, vários jovens se reúnem para escrever contos que devem apresentar ao homem que tem o poder de escolher um para publicação. Esse homem é Edward Campbell, um inglês branco que traz consigo fortes traços da colonização: considera-se um especialista sobre a África; impõe sua vontade sobre a dos outros; dita as regras do *workshop* e acreditar ter o direito de importunar sexualmente e inferiorizar as mulheres - nesse conto representado pela personagem Ujunwa.

A escolha do conto “Jumping Monkey Hill” foi baseada na importância de debater, nos dias atuais, as temáticas presentes nele, como os traços patriarcais que ainda estão permeados na sociedade e que reforçam a ideia de subalternidade e inferioridade feminina; e a objetificação do corpo feminino negro, reduzindo a mulher a mero objeto sexual. Além disso, a relevância desse trabalho também se justifica pelo limitado acesso que os estudantes de graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba possuem a textos com essas temáticas.

Pesquisar sobre feminismo e a perspectiva da mulher negra sobre as adversidades e dificuldades que aparecem em suas vidas se tornou assunto importante e de relevância para mim devido às situações que vivenciei. Minha mãe é uma mulher negra que passou por diversas situações em que foi constrangida por causa de sua raça e de seu gênero. Sempre tive o desejo de entender o porquê de isso acontecer com ela, de onde havia surgido essa ideia de superioridade branca e inferioridade negra. Também presenciei mulheres, algumas próximas a mim, agindo de forma submissa aos homens, tendo como prioridade cuidar do lar e do marido; e eu sempre questionava tais atitudes que ainda ocorrem na contemporaneidade.

Considero a análise do conto supracitado extremamente relevante no contexto contemporâneo, uma vez que a temática continua a impactar a vida de mulheres de vários continentes. Aqui no Brasil, diariamente são notificados casos de mulheres que foram assediadas ou discriminadas por questões raciais, econômicas e de gênero. Em julho de 2022,

a modelo Samen dos Santos, uma jovem brasileira negra, foi importunada sexualmente por um homem branco e influente enquanto estava descansando em um hotel no interior de São Paulo. Ela gravou todo o fato e postou nas redes sociais para tentar dar visibilidade ao caso e combater esse tipo de situação. Em reportagem para um programa de televisão, Samen dos Santos diz que “o que mais me incomodou foi como aquele homem se sentiu no direito, se sentiu tão à vontade para vir falar comigo”. Diante disso, se faz necessário criar ambientes de debate e reflexão sobre a luta do feminismo negro contra os vestígios coloniais que ainda estão presentes na nossa sociedade atual.

1. UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO À ESCRITA TRANSGRESSORA FEMINISTA

1.1 Colonialismo e gênero na Nigéria

Ao estudar a história da humanidade, percebemos o quanto ela está associada à uma certa ideia de poder, uma vez que vemos que, em diversos momentos, um grupo de pessoas exerce sua dominação sobre outros em busca da supremacia. Essa característica propiciou a criação de diversos conceitos, cada um referente a um momento da História. Nos séculos XIV e XV, aparece fortemente o conceito de “colonialismo”, que é uma forma de imposição de práticas culturais, econômicas, políticas e religiosas imposta pelos europeus aos povos que viviam na América e África. De forma objetiva, Ania Loomba diz que “o colonialismo pode ser definido como a conquista ao controle da terra e dos bens de outras pessoas (...) e tem sido um traço recorrente e muito difundido da história da humanidade” (LOOMBA, 2002, p. 2).²

No livro *Colonialism/Postcolonialism*, Loomba (2002) cita algumas das mudanças que aconteceram nos locais que foram colonizados, as colônias: o processo de ‘formar comunidades’ significava refazer ou desfazer as que já existiam; e as práticas de troca, negociação, escravidão e até genocídio se tornaram comuns. Nas colônias, os europeus encontraram muitos povos e com o objetivo de transformá-los em mão-de-obra barata, estabeleceram relações de poder nas quais os colonizados eram inferiorizados e oprimidos e os colonizadores eram superiores e detentores do conhecimento. Nathália Almeida Marcelo fala um pouco mais dessa relação no artigo “As marcas da colonização na Nigéria no século XX”, ao refletir sobre as colocações de Albert Memmi:

Segundo Memmi (1977) o colonialismo é um sistema fechado constituído de dois grupos bem diferentes, onde por um lado o colonizador sairá transformado em opressor interessado exclusivamente em ganhar e manter sua soberania. E por outro o colonizado será transformado, oprimido, alienado e usurpado culturalmente (MARCELO, 2018, p. 7).

A partir da segunda metade do século XVIII, mudanças foram acontecendo no mundo, sendo a Revolução Industrial uma das principais: novos produtos foram surgindo, novas matérias-primas foram se destacando e tudo isso exigia recursos financeiros e trabalhistas. Desse modo, a busca por novos mercados consumidores e mão-de-obra barata também crescia. Nesse contexto, a África se destacava por ser um local que tinha essas duas últimas

² No original: “(...) colonialism can be defined as the conquest and control of other people’s land and goods. (...) it has been a recurrent and widespread feature of human history”. Todas as traduções desse capítulo são de minha autoria.

características, o que chamava bastante atenção dos grandes impérios europeus e, mais adiante, o estadunidense. Assim, no período de novembro de 1884 a fevereiro de 1885, aconteceu a Conferência de Berlim, um evento para dividir a África entre os grandes impérios, criando novas fronteiras favoráveis para cada um, sem consultar os povos africanos e sem pensar nas consequências que isso traria para esses povos. Tal processo de exploração, entre os séculos XIV e XV, ficou conhecido como “neocolonialismo”. No artigo, “Neocolonialismo na África”, Ana Mónica Henrique Lopes explica o termo com base na definição do líder político africano Kwame N’Krumah:

Para N’Krumah “É a soma dessas tentativas modernas para perpetuar o colonialismo, ao mesmo tempo em que falam em liberdade, que veio a ser conhecida como neocolonialismo” (1967, p. 281). O neo, portanto, traduz o status político do Estado “explorado” e ao mesmo tempo distingue através das ações das “novas metrópoles” o lugar dos novos-colonizadores promovendo uma ruptura entre o passado e o presente. Não existiria uma permanência do colonialismo uma vez que o Estado subjugado encontra-se agora numa situação de interferência financeira, econômica e política, mas não de dependência (LOPES, 2011, p.14-15).

Assim como foi no colonialismo, o neocolonialismo aconteceu de formas diferentes dentro do território africano, pois cada povo reagiu de uma forma e dependendo das riquezas do local, os novos colonizadores iam ajustando suas práticas. Ao pensarmos na Nigéria - país que é o cenário do conto “Jumping Monkey Hill”, foco de análise deste trabalho - temos um povo que não aceitou pacificamente os limites impostos pela Conferência de Berlim.

A Nigéria foi dividida - internamente - em dois protetorados: o norte e o sul. No sul, o império britânico investiu no desenvolvimento local, uma vez que a região tinha portos, terras férteis e campos de petróleo; além de construírem escolas e rodovias e oferecerem educação europeia a pessoas locais. A religião foi outro aspecto a se destacar: os nigerianos que moravam no sul foram mais receptivos aos missionários cristãos e ao cristianismo. Já no norte do país, o cenário foi diferente. Por não ter tantas riquezas naturais, os colonizadores mantiveram um controle indireto, ou seja, líderes locais continuariam no poder, desde que se submetessem aos comandos dos oficiais britânicos, não houve tantos investimentos no desenvolvimento do protetorado e o cristianismo não foi bem aceito, predominando o islamismo (LOPES, 2011).

Nesse contexto, é fundamental pensar sobre o papel da religião, pois ela serviu como base para importantes mudanças na sociedade, como o fortalecimento do patriarcado em oposição ao matriarcado. No artigo “Matriarcado africano: uma análise nos escritos dos feminismos”, Ricardo Carvalho e Medilanda Tubento explicam que, em sua origem, a África se caracteriza como um país matriarcal, o que muda com a chegada dos colonizadores.

“Mama África”, o continente africano personificado na figura de uma mãe: o matriarcado como substrato social dos povos que habitam o continente africano. “Este discurso nos é familiar quando se fala de África produtor de desenvolvimento histórico comum, algo rompido pela colonização, pela escravidão e a diáspora” (SCHOLL, 2019, p.155). Dentre outros, se tem o apagamento do saber sobre as mulheres de África, inscritas como grandes mães, matriarcas, matronas ou rainhas negras, fatos vividos na história (CARVALHO; TUBENTO; 2000, p. 308).

Assim, é possível observar que, antes da colonização em sociedades matriarcais, a mulher era vista como uma figura de poder e prestígio, sendo respeitada enquanto mulher e enquanto mãe, “geradora” de vida. Muitas lideravam suas famílias, espiritual, social, cultural e economicamente (CARVALHO; TUBENTO, 2000). Porém, à medida que o patriarcado se expandia, como reflexo da dominação colonial, ele também se consolidava como um sistema oposto ao matriarcado, ou seja, enaltecia o poder masculino, dando ao homem o papel de “chefe da família” - em todos os aspectos - pregando que a ideia de que, o homem ser superior à mulher estava escrita na Bíblia “como forma de justificar a submissão como algo natural, alguns textos religiosos, dentre eles, a Bíblia, reforçaram a ideia patriarcal de que as mulheres eram propriedade dos homens” (OSHIRO, 2017, p. 72 apud KLEIN, 2021, p. 23) validando-se da religião para impor traços da cultura europeia colonizadora. No artigo “Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero”, Carolina T. Lemos ilustra que

A religião, enquanto sistema simbólico que contém e expressa o *ethos* de uma população, interage, de maneira dialética, com uma das destacadas características sócio-culturais de nossa história: o patriarcado. Ela apresenta-se como um elemento estruturante do patriarcado, tanto pela sua forma patriarcal de organização formal quanto pela longa construção teológica sobre os lugares do masculino e do feminino nas relações sociais e religiosas (LEMONS, 2013, p. 201).

O papel do homem e da mulher branca (principalmente de classe média e alta) na sociedade foram ressignificados, enquanto o homem se fortalecia, a mulher era reduzida a submissão e subalternidade. Muitas vezes, o papel do homem estava apoiado por preceitos ou tradições de uma estrutura colonial e cristã, o que permitiu que ele fosse posicionando no topo da estrutura familiar, passando a ser visto como o “proprietário” de sua família, de sua esposa, de suas terras, de seus trabalhadores, aquele que ditava as regras culturais, econômicas e políticas. Como explica Lemos:

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: a) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, b) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas. Também, legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia feminina. Além do mais,

estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (LE MOS, 2013, p. 202).

Dessa forma, o sistema patriarcal consolidou uma relação de oposição entre os gêneros: os homens ganharam força, e as mulheres foram inferiorizadas. Essa estrutura social legitimada pela sociedade, religião e até pela própria família, apresenta relações de submissão e violência que atingem, em particular, as mulheres, uma vez que os homens são colocados em escalas de superioridade e passam a agregar funções relacionadas ao prestígio e a valorização pública, à medida que as mulheres são oprimidas e restritas a papéis domésticos, inferiorizados, reclusos. Em seu livro “Feminismos: o que as feministas querem?” (2021), Raisia Ribeiro, retrata que:

O patriarcado consiste em “uma forma de relacionamento, de comunicação entre os gêneros, caracterizada pela dominação do gênero feminino pelo masculino”, com predomínio dos valores masculinos, fundamentados em relações de poder. Nas relações sociais, entre homens e mulheres, “o poder se exerce por meio de complexos mecanismos de controle social que oprimem e marginalizam as mulheres.” (SABADELL, 2017, p. 231 apud RIBEIRO, 2021, p. 14)

As ideias apresentadas nos parágrafos anteriores se referem a homens e mulheres brancos, especialmente os de classe média e alta. Ao pensarmos na trajetória das mulheres negras durante o período colonial até o pós, percebe-se que, a desvalorização feminina, intensificada no patriarcado, existia desde o início da colonização. Essas mulheres foram escravizadas e submetidas aos serviços considerados degradantes, forçadas a trabalhar em condições miseráveis e sem remuneração - no período colonial - e com uma remuneração quase insignificante no período pós-colonial.

Em ambos contextos, elas acumulavam os trabalhos, pois tinham que servir aos senhores brancos - em atividades domésticas ou trabalhando nas plantações - e também em suas próprias casas, dado que tinham que servir aos filhos e marido. Além disso, nem sequer eram vistas como mulheres, ficando vulneráveis à exploração sexual, tanto de homens brancos quanto de homens negros. hooks explica como essa percepção de “não-mulher” as afetava:

as mulheres negras sempre foram vistas pelo público branco como sexualmente permissivas, disponíveis e ávidas pelos assaltos sexuais de qualquer homem, negro ou branco. A designação de todas as mulheres negras como sexualmente depravadas, imorais, e perdidas teve a sua raiz no sistema escravagista. As mulheres brancas e os homens justificaram a exploração sexual das mulheres negras escravizadas argumentando que elas eram promotoras das relações sexuais com os homens. De tal pensamento emergiu o estereótipo das mulheres negras como sexualmente selvagens, e em termos sexuais uma selvagem sexual, uma não-humano, um animal não podia ser violado (hooks, 2014, p. 39).

A violação sexual sofrida pelas mulheres negras durante o período colonial e escravagista foi associada a muita opressão, sofrimento e humilhação, mas não sem resistência.

Apesar de a literatura do período não mostrar “evidências que elas eram de qualquer forma mais “liberais” sexualmente do que as mulheres brancas” (hooks, 2014, p. 41), ao estudar mais profundamente sobre o assunto, encontra-se histórias de mulheres negras que lutaram para combater essas condições e esses esterótipos que a elas foram associadas. Contudo, o fim do colonialismo não significou libertação (econômica, social e sexual) para esse público.

A imagem animalesca e indigna delas continuou; e por isso, mesmo após o fim da escravidão, muitas mulheres tiveram que continuar trabalhando na casa dos senhores brancos que “viam os trabalhos serviços domésticos desempenhados pelas mulheres negras como sendo meramente a extensão natural do ‘feminino’ e como trabalhos desvalorizados” (hooks, 2014, p. 67). Isso também era reforçado pela ideia de que muitos homens negros não conseguiam trabalho e elas participavam do sustento financeiro da família. Nesse contexto, é possível perceber que, algumas “permaneciam leais ao patriarcado” (hooks, 2014, p. 67) por motivos como, acreditar que o sustento da família deve ser tarefa do homem; enquanto outras focavam na luta por reconhecimento, respeito e igualdade.

1.2 A emergência do discurso feminista

Historicamente, as mulheres brancas que deram visibilidade ao discurso feminista – as quais, na maior parte, fizeram e formularam a teoria feminista – tinham pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia de dominação, do impacto psicológico da classe e de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista (hooks, 2015).

Ao longo dos séculos, as mulheres foram silenciadas, reduzidas, muitas vezes, a objetos sexuais, tendo por função satisfazer seu marido e cuidar da casa e dos filhos, seguindo as características do sistema patriarcal. A ideia de dominação já está contida na própria etimologia da palavra, pois o termo patriarcado “significa a ‘a regra do pai’, ‘a lei do chefe da família’ sobre os demais, considerados fracos e sem poder. O patriarcado exercido por homens sobre mulheres e filhos, foi estruturado em meio às relações matrimônios e familiares, estendendo-se às demais esferas (...)” (FOCHI; ZIRBEL, 2020, p. 63). Devido ao fato da relação de violência/subordinação feminina ao homem ter sido consolidada no ambiente familiar, ela se perpetuou e ainda se perpetua entre as gerações atuais.

Em meio ao contexto patriarcal que se expandiu em grandes partes do mundo, encontram-se mulheres inquietas e com o desejo de mudar a realidade em que vivem. É assim que, o que conhecemos hoje como feminismo se expande pelo mundo, como uma forma de se expressar e lutar contra o discurso opressor masculino. Porém, o feminismo ‘suruiu’ como um

movimento de mulheres brancas de classe média e/ou alta que se uniram com o propósito de serem vistas como mais que donas de casa, algumas desejam ter profissões, outras queriam votar e ter poder de escolhas em decisões importantes no cunho social e familiar, etc.

Desse modo, é nota-se que, a luta das mulheres negras - e também das brancas de baixa renda - não foi contemplada nesse discurso, como elucida hooks: “o feminismo não surgiu das mulheres que são mais vitimizadas pela opressão machista, das mulheres agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente – as que são impotentes para mudar sua condição na vida. Estas são a maioria silenciosa” (hooks, 2015, p. 193). No artigo “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”, hooks conta um pouco de sua trajetória enquanto mulher negra para expressar suas perspectivas sobre as mudanças que deveriam acontecer no movimento feminista para que ele incluísse a luta, a trajetória e a opressão sofrida pelas mulheres negras.

Tendo crescido em uma família negra do sul dos Estados Unidos, de classe trabalhadora e dominada pelo pai, eu vivenciei (como aconteceu com minha mãe, minhas irmãs e meu irmão) diferentes graus de tirania patriarcal, e isso me deixou com raiva – deixou-nos todos com raiva. A raiva me fez questionar a política de dominação masculina e me permitiu resistir à socialização sexista. Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras “a” análise e “o” programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada) (hooks, 2015, p. 203).

É importante ressaltar que, historicamente, tenha surgido como um movimento focado nas lutas e necessidades das mulheres brancas, as mulheres negras continuaram suas trajetórias de dar visibilidade às lutas e opressões impostas a elas. Na África, o feminismo chega como “a luta das mulheres contra o controle patriarcal e a sua exclusão. E as mulheres africanas têm se engajado nesta luta, quer como indivíduos quer em coletividades, há milênios” (TELO, 2017, p.2). O feminismo africano busca mostrar a pluralidade do termo “mulher”, com o intuito de torná-las sujeitos ativos, com um local de fala reconhecido socialmente; uma vez que o feminismo eurocêntrico não as considerou e unificou o significado do termo “mulher”.

Enquanto movimento que ganha destaque e passa a ser debatido no meio acadêmico e literário, Amina Mama entende que o feminismo africano

emana de uma análise muito convincente de condições políticas, econômicas e sociais que forma a vida das mulheres africanas. Estes movimentos são autônomos e surgem

para corrigir as injustiças de gênero visando a transformação e ou mudança das relações de gênero opressivas (SALO, 2001, p. 58 *apud* TELO, 2017, p. 2).

Desse modo, tem-se que a literatura acompanha esse momento e traz nomes que, produzem uma literatura transgressora, ou seja, que visa romper com padrões já estabelecidos pela cultura patriarcal. “Mencionar a transgressão na literatura, portanto, é fazer alusão a tudo que ultrapassa e transpõe limites dentro de uma linguagem e contexto social.” (RABELO, 2017, p.11 *apud* LEITE, 2018. p. 26) A literatura transgressora existe desde o período colonial e ganhou ainda mais força no período pós colonial, quando os povos colonizados passaram a ter o objetivo de contar suas histórias a partir de suas perspectivas, e se livrar dos estereótipos aos quais foram impostos, por anos, pelos colonizadores; por isso, é tão importante entender o contexto histórico de um povo (para fins desse trabalho, do povo africano). Nathália Marcelo sintetiza³:

Sabe-se que discutir literatura pós-colonial vai além de alinhar fatos históricos, políticos e econômicos, é também trazer para o primeiro plano a cultura de um povo e então colocá-la diante desses fatos históricos, políticos e econômicos a fim de compreender os processos de colonização e de descolonização pelo qual passaram. (...) fazendo com que um povo seja reduzido a um estereótipo que o mantém inferiorizado e preso ao colonizador. Ao discutir a literatura pós-colonial damos (...) a chance de este contar sua própria história (MARCELO, 2018, p. 6).

Durante o período colonial, se conheceu apenas um lado da história: a do colonizador europeu - característica que ainda acontece nos dias atuais. Este, divulgou a versão de que era superior e por isso deveria dominar e educar o povo inferior, os colonizados. Assim, grande parte da literatura produzida nesse período, e que circulava hegemonicamente nas metrópoles das colônias, reproduzia a ideia de superioridade do povo europeu à medida que retratava os povos africanos (colonizados) como inferiores, por isso, deveriam ser submissos, subalternos.

O lugar da mulher negra nessa sociedade colonizada era secundário e inferiorizado em relação ao homem colonizado, ou seja, ela era a subalterna do homem subalterno. Rocha e Silva explica que “a mulher africana, assim como sua nação, sofreu violações que a aprisionaram entre paredes sociais e estereótipos” (2016, p. 156). Por isso, a representação delas acontece, frequentemente, baseada na “inferiorização, silenciamento e violência” (ROCHA, 2016, p. 156). O olhar feminista sobre a literatura do período pós-colonial visa romper com essa visão inferiorizada da mulher e mostrar o outro lado da história, que agora será contada do ponto de vista feminino. Como coloca Rocha:

³ Entende-se por literatura pós-colonial aquela feita por povos colonizados após o fim da colonização. Através dela, esses povos contam suas história e lutam contra a colonização e pelo direito de serem vistos e ouvidos.

“Assim, verifica-se a necessidade de produções que se preocupem com os caminhos possíveis entre literatura e história, e que busquem reescrever o passado não mais através das lentes do colonizador, mas a partir do olhar do colonizado.” (ROCHA, 2016, p. 152)

Ao longo da história, várias escritoras africanas merecem destaque - como Flora Nwapa e Buchi Emecheta - por suas conquistas no meio literário e acadêmico. Ao fazer a análise do cenário atual, da nova geração de escritoras africanas, destaca-se a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, autora que evidencia em sua escrita personagens femininas transgressoras.

1.3 A escrita transgressora de mulheres africanas: o lugar de Chimamanda Ngozi Adichie

Nascida em 1977, na Nigéria, Chimamanda Adichie cresceu na Universidade da Nigéria, pois tanto seu pai quanto sua mãe trabalhavam lá. Coursou Medicina por um ano, mas logo decidiu seguir por um caminho diferente; se mudou para os Estados Unidos e lá - em uma Universidade em Connecticut - estudou Comunicação e Ciência Política e se formou com uma das maiores honras acadêmicas, a *summa cum laude*.

Entre seus títulos, está o mestrado em Escrita Criativa pela Universidade John Hopkins. Em 2003, publicou seu primeiro romance *Purple Hibiscus* (Hibisco Roxo), que a fez ser reconhecida no cenário internacional; posteriormente, esse livro ganhou o Prêmio *Commonwealth Writers*. Seu segundo romance, *Half of yellow sun* (2006) (Meio sol amarelo), também foi premiado, dessa vez com o *Orange Prize*. O livro teve uma repercussão ainda maior que o primeiro e o sucesso de vendas serviu para consolidar seu nome como uma das autoras africanas de destaque do século XXI.

Em 2009, lançou uma coletânea de doze contos intitulada *The thing around your neck* (No seu pescoço); em 2013, mais um romance, *Americanah*, que se tornou um *best-seller*. Em 2014, teve mais uma publicação, *We should all be Feminists* (Todos devemos ser feministas), dessa vez fruto de um discurso no aclamado TED Talks, realizado em 2012. Seu livro mais recente, *Notes on grief* (Notas sobre o luto), foi publicado em 2021 e reflete sobre o luto após perder seu pai, em 2020.

Vários são os trabalhos acadêmicos que analisam alguma obra da autora, seus romances e contos são amplamente discutidos em diversas salas de aula universitárias e o resultado disso torna-se palpável ao pesquisar e ver quantas monografias, dissertações e teses se apoiam em suas personagens. A escrita de Adichie caracteriza-se por ser textos narrados por mulheres (fortes, inteligentes e transgressoras) e também protagonizados por elas. O cenário divide-se

entre dois locais em que a autora morou, Nigéria e Estados Unidos, e acontece em diferentes momentos da história desses países.

No livro de contos *The thing around your neck*, encontramos “Jumping Monkey Hill”, conto marcado pela inquietação e reflexão feminina diante de vestígios do colonialismo europeu e da persistência de evidências patriarcais na sociedade africana atual. No conto, observa-se importantes características da escrita de Adichie, como, por exemplo, a personagem principal é uma mulher que, após passar por momentos difíceis - e constrangedores -, decide romper com o ciclo de violência/submissão/subordinação e torna-se uma personagem transgressora e emponderada, ou seja, ela passa a tomar decisões que impactam seu destino ao invés de só aceitar aquilo que lhe é imposto por uma figura masculina. Também é possível observar traços do pensamento feminista na escrita de Adichie, assunto que será estudado a seguir.

2. DO FEMINISMO À INTERSECIONALIDADE: A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA PARA ROMPER COM OS ESTERÉOTIPOS COLONIAIS NA MODERNIDADE

2.1 O feminismo negro

A ‘**única história cria estereótipos**’. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. [...] A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes (ADICHIE, 2009, grifo meu)⁴.

O trecho da palestra “The danger of a single story”, de Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talks, publicado em 2009 em uma plataforma de vídeos online, mostra o poder do discurso. Se conhecemos apenas uma versão da história, a tendência é acreditar em sua veracidade e disseminar as informações, afinal essas são tidas como genuínas. Foi isso o que aconteceu (e infelizmente, ainda acontece) com a imagem das mulheres negras. No início da colonização africana, as mulheres negras foram retratadas como seres promíscuos e selvagens - ideias que integram o conceito de Orientalismo, de Edward Said e que fazem parte da ideologia que sustentou o sistema de escravidão dos corpos negros, base do projeto colonial.

A imagem desumanizada da mulher negra no lugar de servidão e, ao mesmo tempo, como objeto de desejo de seus senhores, sedimentou-se através dos séculos. Após o fim da escravidão, Angela Davis (2006) retrata que às mulheres negras restou o serviço doméstico, um trabalho visto como inferior destinado às pessoas negras como herança da escravidão. Em todas essas fases, a mulher negra sofreu abusos sexuais, e mesmo no período pós-colonial, ainda estava exposta a esse tipo de risco.

A desvalorização da natureza feminina negra ocorreu como resultado da exploração sexual das mulheres negras durante a escravatura que não foi alterado no decurso de centenas de anos. [...] como todas as vítimas de violação da sociedade patriarcal elas eram vistas como tendo perdido valor e dignidade como resultado da humilhação que elas suportaram (hooks, 2014, p. 40) .

Mais que silenciadas, as mulheres negras foram colocadas na base da hierarquia social estabelecida pelo poder masculino branco heteronormativo (hooks, 2014). Assim, ao longo dos séculos, o trabalho das mulheres negras tem sido explorado, sendo elas excluídas dos

⁴ Trecho do discurso “The danger of a single story”, com tradução de Erika Barbosa para o Portal Géledes.

privilégios e direitos das pessoas brancas e tendo sua imagem associada ao racismo e a sexualidade.

Patricia Hill Collins define opressão como “um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro o acesso aos recursos da sociedade” (2019, p. 24). Desse modo, ao pensarmos no período pós-colonial é possível observar que, o sistema socio-econômico era baseado na exploração dos negros, especialmente das mulheres negras, que ainda eram vistas como seres sem valor, donas de comportamento sexuais animais e destinadas a servir; o que tornava ainda mais difícil sua inserção como seres humanos que merecem ser vistos e ouvidos na sociedade. Sobre isso, hooks comenta:

Mas, como emancipados, quando as mulheres negras e os homens lutaram para mudar as imagens estereotipadas da sexualidade das mulheres negras, a sociedade branca resistiu. Tão disseminada era a tendência dos brancos em olharem todas as mulheres negras como sexualmente perdidas e indignas de respeito, que seus feitos foram ignorados (hooks, 2014, p. 41).

Essa rejeição social à mulher negra deriva de diversos fatores como raça, classe, gênero e sexualidade, fatores esses que são manipulados como eixos de opressão e que, ao serem analisados conjuntamente, formam o que é denominado como interseccionalidade (COLLINS, 2019). Porém, antes de abordar o conceito de interseccionalidade, é importante refletir sobre como a raça e gênero afetaram (e afetam) a vida das mulheres negras. Djamila Ribeiro, em seu livro *Pequeno manual antirracista* define racismo como “um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante” (2019, p. 12).

Ribeiro explica que o racismo é estrutural na sociedade brasileira, porque, demograficamente, o Brasil é composto por mais de 50%⁵ de uma população afro-descendente, e ainda assim, apesar desse grande quantitativo, à população negra é designado os serviços “braçais” subalternizados, incluindo os serviços domésticos. Assim, raramente se vê pessoas negras em posições de poder. Para Ribeiro, o racismo está enraizado na sociedade e presente em diversas situações do cotidiano, desde a fala “mas eu não sou racista” (RIBEIRO, 2019, p. 13-14) até ações mais concretas e explícitas de preconceito.

Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da plantação: Episódios do racismo cotidiano* (2019), corrobora com as colocações de Ribeiro ao discutir a relação do racismo com o sexismo.

⁵ Esses dados são apresentados no livro “Pequeno manual antirracista” de Djamila Ribeiro.

Formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam. O racismo, por exemplo, não funciona como uma ideologia e estrutura distintas; ele interage com outras ideologias e estruturas de dominação, como o sexismo (ESSED, 1991; hooks, 1989 apud KILOMBA, 2019, p. 98-99).

No site da instituição Human Rights Channel, sexismo é definido como “qualquer expressão (atitude, palavra, imagem, gesto) baseada no pressuposto de que algumas pessoas, majoritariamente mulheres, são inferiores devido ao seu sexo.” Ou seja, as mulheres sofrem preconceito e rejeição pelo simples fato de terem recebido a designação de mulheres. Se pensarmos na imagem da mulher negra, vemos que a opressão imposta a elas, é, no mínimo, dupla: de raça e de gênero, desde o período colonial até os dias atuais.

hooks, no livro *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo* esclarece que, após a escravidão, a luta das pessoas negras para serem reconhecidas como pessoas e terem os mesmos direitos dos brancos se intensificou. Porém, essa luta pela igualdade beneficiou principalmente os homens negros, pois as mulheres continuaram a ser fortemente oprimidas pelo sistema patriarcal. Para hooks:.

O racismo tem sido sempre uma força separadora de homens negros e brancos e o sexismo tem sido a força que une esses dois grupos. [...] A busca dos homens pelo reconhecimento da sua “natureza masculina” na sociedade americana está enraizada na sua internalização do mito que simplesmente por ter nascido homem, tem inerentemente o direito ao poder e aos privilégios. Quando o racismo impediu o povo negro de obter a igualdade social com os brancos, os homens negros responderam como se fossem os únicos representantes da raça negra e as únicas vítimas da opressão racista. Eles viram-se a si mesmos como o povo a quem foi negada a liberdade e não às mulheres negras (hooks, 2014, p. 72-73).

Assim, é possível perceber a relação do sexismo com o racismo e o quanto esses dois vetores de poder potencializam a opressão de mulheres negras. Sobre isso, Kilomba argumenta que: “ ‘Raça’ não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da ‘raça’. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa (...)” (2019, p. 94). A autora segue dando exemplos de como algumas situações seriam diferentes se elas ocorressem com homens negros ao invés de mulheres negras. Nesse contexto, vários movimentos sociais, que lutavam pelo direito das mulheres, se consolidaram, mas, Patricia Hill Collins explica que, eles focavam apenas em um fator de opressão em prejuízo dos outros. Ela ainda diz que, as categorias de opressão não se excluem, pelo contrário, elas se unem e afetam diversas áreas da vida social da mulher negra (COLLINS, 2021).

2.2 Interseccionalidade: o feminismo negro unindo raça e gênero

Em 1989, a jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw criou um termo que integrou essas diversas formas de opressão, a interseccionalidade⁶, e esclarece:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (RIBEIRO, 2016, p. 101 apud CRENSHAW, 2002, p. 177).

Crenshaw explica que uma das motivações para criar o termo foi a publicação da Declaração Universal de Direitos Humanos. O documento focava apenas nos direitos e na realidade do homem branco, não compreendendo e validando a luta das mulheres negras. Além disso, a jurista reforça a ideia de que, a subordinação feminina é o resultado de um conjunto de opressões, e não de um ato isolado, por isso não devem ser vistos separadamente.

Patricia Hill Collins diz que termo interseccionalidade permite a mudança de pensamento, priorizando a universalidade e tirando o foco de pensamentos dicotômicos como “Branco/preto”, “homem/mulher”, “positivo/negativo”. O jogo do pensamento “ou/ou” faz com que a armadilha do pensamento universal não seja questionada” (DE FIGUEIREDO; MARTINS, 2020, p. 338). Dessa forma, a opressão poderá ser analisada de forma complexa, sem a sobreposição de um tipo sobre o outro. Collins exemplifica:

Frequentemente me perguntam: “O que tem sido mais opressor para você, seu status de pessoa negra ou seu status de mulher?” O que realmente estão me pedindo é que eu me divida em pequenas caixas e hierarquize meus diversos status. Se minha experiência de opressão é um fenômeno ambos/e, porque eu deveria analisá-la de maneira diferente? (DE FIGUEIREDO; MARTINS, 2020, p. 339 apud COLLINS, 2015, p. 18)

A interseccionalidade também foi importante para o movimento feminista, uma vez que serviu de base para ampliar as discussões e promover novas perspectivas para o movimento. O feminismo ganhou destaque a partir do século XIX, porém, quando surgiu, focava apenas na necessidade e nas dificuldades das mulheres brancas de classe média e alta, desconsiderando a realidade de mulheres brancas de classe baixa e as negras de qualquer classe socioeconômica.

⁶ Contemporânea de Crenshaw, a intelectual negra brasileira Lélia González também falava, na década de 80, de uma múltipla opressão vivenciada pelas mulheres negras. Como ilustração desse pensamento de González, destacamos os ensaios “A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica” (apresentado originalmente em 1979) e “Mulher negra” (1984). Ainda que não usasse o termo “interseccionalidade”, González representa uma pioneira na elaboração da ideia das múltiplas camadas de opressão e exploração da mulher negra brasileira e latino-americana.

Por mais que o movimento tivesse a ideia de lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, combatendo o machismo fortificado pelo sistema patriarcal; em seu surgimento, foi um movimento excludente pois não validou a luta das mulheres negras para serem ouvidas e respeitadas como mulheres, dado que, muitas vezes, elas não eram vistas nem como pessoas. Assim, o feminismo negro emergiu para dar visibilidade às questões da experiência de mulheres negras nos diversos contextos.

Apesar da luta comum por igualdade, liberdade e respeito dentro da sociedade em que vivem, vários grupos foram surgindo dentro do movimento feminista, visto que as mulheres são sujeitos diferentes. O pensamento feminista é influenciado pela cultura do local que moram, pela classe socioeconômica em que se encontram, pelo acesso que possuem às informações. Porém, aos poucos, as mulheres negras perceberam como era estratégico a necessidade de unificar esses movimentos e defenderem juntas as causas que acreditam para combater a opressão e a subalternidade estrutural e histórica. Nesse contexto, o conceito de interseccionalidade se fortaleceu dentro do movimento, como explica De Figueiredo e Martins:

Por se tratar de um movimento social e político composto por diferentes mulheres, que trazem consigo diferentes especificidades e trajetórias, o movimento feminista não responde a um molde, não existindo assim “o” movimento feminista e sim diferentes feminismos que dialogam entre si ou não, mas que apresentam diferenças considerando a heterogeneidade das mulheres que os compõe. Reconhecer a existência de feminismos e das diferentes atuações feministas é crucial para entender o debate da interseccionalidade, pois, essas atrizes sociais irão se articular na luta feminista através das opressões específicas ao qual são submetidas: gênero, classe, raça/etnia, sexualidade, etc, [...] (DE FIGUEIREDO; MARTINS, 2020, p. 336).

Atualmente, uma das vertentes do feminismo é a interseccional, uma vez que temos o entendimento que as diversas opressões de grupos distintos de mulheres são indissociáveis. Tal fato se expandiu para além do movimento feminista negro, e também mudou a literatura e os textos com foco na construção de personagens negras. A escritora nigeriana e feminista Chimamanda Ngozi Adichie é uma das mulheres que se destaca no cenário contemporâneo por trazer aspectos da visão do feminismo interseccional em sua escrita e por ter histórias com personagens femininas negras transgressoras, que não aceitam mais o silenciamento e a opressão do sistema patriarcal, que lutam e se expõem dando sua opinião, usando sua voz, mostrando sua força. Sobre a escrita de Adichie, Rocha pontuam que:

A literatura de Chimamanda traz uma grande compreensão para as relações entre pós-colonialismo e feminismo. Segundo Bonnici, há entre os dois movimentos uma estreita relação, pois, “em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo / feminismo e metrópole / colônia ou colonizador / colonizado. (ROCHA, 2016, p. 163 apud BONNICI, 1998, p. 13)

A palestra de Adichie intitulada *We should all be feminists* (Todos devemos ser feministas) no programa TEDTalks em 2013, revela um pouco de como suas experiências de vida foram moldando seus pensamentos e suas opiniões. Ela cita vários exemplos de como passou por situações machistas que a fizeram refletir sobre como a continuidade do sistema patriarcal (herança do colonialismo) ainda afeta negativamente a vida de diversas mulheres, fazendo com que, muitas vezes, elas possam silenciar para não causar uma situação constrangedora e “inadequada” socialmente. O discurso, que virou o livro “Sejam todos feministas”, publicado no Brasil em 2014, também aborda a importância do termo “feminista”. Em vários momentos, Adichie explica que é necessário conversar sobre o feminismo e se intitular feminista, porque a questão de gênero ainda afeta a vida de diversas mulheres, sejam elas meninas ou adultas, nas dinâmicas de poder.

Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato (ADICHIE, 2014, p. 49-51).

Em uma entrevista para o jornal *El País*⁷, em 2017, Adichie conta que, antes mesmo de entender o significado da palavra feminista, questionava práticas relacionadas ao machismo e ao patriarcalismo, pois cresceu cercada de mulheres fortes, ousadas, empoderadas.

Meu feminismo nasceu porque ainda criança lembro que me disseram que não podia participar de certos rituais muito próprios da minha cultura por ser mulher. Lembro de pensar que aquilo não tinha sentido. Cresci cercada de mulheres corajosas e notei que nós sempre estamos atuando. Vi mulheres muito fortes que na presença de homens mudam. Sempre fui consciente disso, e obviamente há uma parte de mim interessada nas histórias de mulheres (ADICHIE, 2017).

Ela também comenta que se considera uma “contadora de história”, por isso, sobre seu processo de escrita, diz que não o planeja, surge uma ideia e essa vai fluindo, as vezes, de forma inesperada. Suas histórias são focadas em experiências, em relatos, por isso não se considera uma acadêmica, porque, em sua escrita, gosta de ir além da teoria e focar nos relatos. Sobre suas personagens, revela:

⁷ Texto de Claudia Salazar Jiménez para o jornal *El País*.

Minhas personagens normalmente me surpreendem, não as planejo demais. Muitas escritoras reclamam que suas figuras femininas precisam ser simpáticas para leitores e críticos. Quando o personagem é masculino, a crítica não vai por esse lado, é se é completo ou não, mas, com as mulheres, muitas vezes se reduz a se eu gosto ou não. E não acho que elas deveriam agir para agradar. Não me interessam os protagonistas simples, mas os que façam qualquer tipo de coisas. E eu faço isso deliberadamente (ADICHIE, 2017, n.p).

Em seu conto “Jumping Monkey Hill”, incluído no livro *No seu pescoço*, lançado no Brasil em 2017, a personagem principal é a nigeriana Ujunwa Ogundu, uma economista que deseja ser escritora e, por isso, se inscreve em um *workshop* para escritores africanos. A personagem mostra, através de sua história e atitudes, a escrita feminista interseccional de Adichie, uma vez que, a trama desvela como a personagem é marcada por opressões múltiplas, assédio e silenciamento por ser mulher, por ser negra, por ser africana. Na trama, essas questões estão interligadas, não podendo ser priorizada um tipo de opressão em detrimento de outro. A seguir, a análise do conto demonstrará como as mulheres ainda são oprimidas pela herança patriarcal colonizadora enraizada nos arranjos sociais e interrelacionais. O estudo também discutirá como é possível transgredir esse legado, fazendo soar uma voz feminina ativa mesmo diante do patriarcalismo.

3. “JUMPING MONKEY HILL” E A TRANSGRESSÃO DO SILENCIAMENTO FEMININO

3.1 O contexto de “Jumping Monkey Hill”

O conto de Adichie narra a trajetória de Ujunwa Ogundu, uma jovem negra nigeriana, selecionada para participar de um *workshop* para Escritores Africanos, promovido pela Fundação de Artes Chamberlain, em um resort chamado “Jumping Monkey Hill”, próximo à Cidade do Cabo, África do Sul. Ela e mais sete participantes tinham o objetivo de escrever um conto, sob a mentoria de um homem branco britânico chamado Edward Campbell - “um velho de chapéu de sol que, ao sorrir, mostrava dois dentes que pareciam mofados” (ADICHIE, 2017, p. 106). Na primeira semana, os participantes escreveriam o conto; na segunda semana, cada um apresentaria sua produção e depois haveria um debate coletivo. O conto selecionado por Edward seria, então, incluído na publicação *Oratory*.

A história do conto se desenvolve à medida em que os personagens falam um pouco de si através de suas produções, pois suas experiências de vida permeiam a escrita. O conto de Ujunwa mostra a história de Chioma, uma jovem em sua trajetória de conseguir um emprego. Em sua busca por uma oportunidade, Chioma sofre diversos assédios durante os processos de entrevistas; até que vai conversar com seu pai para ajudá-la. Seu pai e sua mãe haviam se separado a pouco tempo, após a mãe expulsar a amante do pai de sua loja de sapatos.

Um dos locais que o pai de Chioma contata, um banco, fala com ela. Ao chegar no banco, Chioma é designada para acompanhar a visita de uma funcionária à casa de um *hadji* (um muçulmano), se a visita for bem-sucedida e o *hadji* abrir uma conta alta no banco, Chioma conseguirá um cargo permanente. Durante a visita, Chioma percebe que, apesar de mostrar um sorriso acolhedor, o *hadji* faz comentários ofensivos em relação a ela e a funcionária do banco que ela está acompanhando, Yinka. Chioma observa a postura de Yinka, ao permitir que o *hadji* a trate de forma a objetivar seu corpo e reduzi-la a uma figura sexual.

Chioma sente que sua postura de ver e aceitar esse tipo de tratamento é uma farsa e reflete sobre sua vida. Lembra que, apesar de ser o pai que comprara livros para ela e incentivava a leitura, disse para a filha que “não era viável” que ela se tornasse escritora. O conto de Ujunwa chega ao fim com Chioma indo embora da casa do *hadji* após ele convidá-la para ir em outro cômodo da casa receber um presente que ele havia comprado em sua última viagem.

De forma intercalada e integrada com a história de Chioma, há a história de Ujunwa. Os relatos de assédio sofridos por Chioma também são vivenciados por Ujunwa, porém, quem comete tais ações é Edward Campbell. O britânico sempre tem um comentário pejorativo, ofensivo e de cunho sexual a fazer em relação ao corpo de Ujunwa. No início, ela se mostra bastante constrangida e, por isso, segue o comportamento de outros participantes, rindo da situação. No desenvolver do conto, é possível perceber que tanto esse tipo de comentário de Edward quanto os que ele faz para questionar os contos dos participantes e validar que ele, um homem branco, entende mais da África do que os próprios participantes (que são africanos) passam a incomodar Ujunwa. Aos poucos, ela vai questionando e refletindo sobre as falas dele, enquanto ele segue invalidando os comentários dela.

O conto “Jumping Monkey Hill” termina com um final surpreendente e transgressor. Após Ujunwa ler seu conto, Edward faz uma série de comentários que desvalorizam e anulam sua história. A expressão dele, ao fazer esses comentários, desperta em Ujunwa um sentimento que estava guardado dentro dela durante toda a narrativa: a força para se expressar, expor sua voz e não aceitar mais ser silenciada e invalidada por uma figura masculina, branca, patriarcal e colonizadora. Assim, ela rebate as opiniões de Edward, revelando que o conto é baseado em sua história de vida e vai embora, refletindo sobre sua ação e o final que daria para seu conto.

3.2 Elementos narrativos do conto: o poder da escrita

“Jumping Monkey Hill” é um conto que apresenta uma característica que o destaca de outros textos da autora na antologia *No seu pescoço*: a metacficção, ou seja, é uma escrita sobre o ato de escrever. Através deste recurso literário, o leitor pode acompanhar a história de Ujunwa em seu processo de criação, ao mesmo tempo em que segue a trajetória de uma outra mulher negra, Chioma, ficcionalizada por Ujunwa no conto que escreve. O intrigante no conto é que Adichie consegue unir as duas histórias, a de Ujunwa e a de Chioma, mostrando como cada uma reage a importantes temas comuns às suas vivências, como assédio, atitudes patriarcais, exotismo, dentre outros. Em um momento contundente da narrativa, no seu desfecho, Ujunwa revela que, na verdade, a história de Chioma é um recorte de experiências que ela viveu.

Adichie escreve o conto em terceira pessoa, apresentando um narrador observador, onisciente e o texto traz um discurso direto. Através de tal voz narrativa, Adichie cria uma entidade alinhada, em grande parte, à perspectiva de Ujunwa e aproxima o leitor de seu universo interior, seus processos subjetivos de estranhamento ao se deparar com o contexto do *workshop*, tanto em relação a Edward como aos demais participantes: “Edward apresentou Ujunwa por

último: ‘Ujunwa Ogundu é nossa participante nigeriana e ela mora em Lagos’. Ujunwa olhou ao redor da mesa e imaginou com quem se daria bem.” (ADICHIE, 2017, p. 107 e 108). A partir de uma observação panorâmica e repleta de ironia, sempre alinhada a visão de Ujunwa, a voz narrativa revela as nuances de personalidade que a protagonista percebe em cada participante do *workshop*, em Edward e até em Isabel, a esposa de Edward.

Em um momento de interação com Isabel, durante o café da manhã do segundo dia do *workshop*, a narrativa desenha a seguinte cena:

(...) Isabel usou um tom assim quando se sentou ao lado de Ujunwa e disse que, mas é claro, com uma estrutura óssea elegante como aquela, ela só podia vir de uma família real nigeriana. A primeira coisa que Ujunwa pensou foi em perguntar se Isabel precisava recorrer ao sangue real para explicar a beleza de seus amigos londrinos. Ela não perguntou isso, mas disse - porque não resistiria - que era mesmo uma princesa, que vinha de uma linhagem muito antiga e que um de seus antepassados tinha capturado um mercador português no século XVII e mantido o homem, bem alimentado e sempre com o corpo coberto de óleo, numa jaula real. Ujunwa parou de falar para dar um gole no suco de cranberry e sorriu para dentro do copo. (ADICHIE, 2017, p. 109-110)

Assim, desde as primeiras páginas do conto, o leitor pode vislumbrar a percepção astuta de Ujunwa, que não se deslumbra facilmente com a pose de superioridade e arrogância de muitos que estão a sua volta, além da superficialidade de seus discursos. O caráter transgressor em Ujunwa nasce e cresce a partir de sua visão crítica sobre a realidade que a cerca. A primeira manifestação dessa voz transgressora em Ujunwa é, portanto, a sua própria escrita no corpo ficcionalizado de Chioma, no conto que escreve também em terceira pessoa. A voz da escrita de Ujunwa dá a ela o suporte necessário para que sua voz se erga e se sobressaia no desfecho de “Jumping Monkey Hill”.

3.3 Os vestígios coloniais em “Jumping Monkey Hill”

O colonialismo está presente em todo o conto, desde a apresentação do local - na primeira página - até o discurso de Edward - na última página. Nas primeiras linhas, o leitor conhece um pouco da estrutura do resort que dá nome ao conto e já se depara com a ideia da mulher negra no lugar da servidão e da subalternização, a responsável pela limpeza e organização do local: “No meio da manhã, discretas criadas negras faziam a cama, limpavam a banheira elegante, passavam aspirador de pó no tapete e deixavam flores silvestres nos vasos artesanais” (ADICHIE, 2017, p. 105). Angela Davis comenta que, mesmo passado anos após o fim da escravidão, às mulheres negras foram designadas as atividades domésticas, e diz que,

por muitas pessoas brancas, isso foi visto com naturalidade, pois entendiam a situação como uma extensão do período colonial:

Alias, a própria escravidão havia sido chamada, com eufemismo, de ‘instituição doméstica’, e as escravas eram designadas pelo inócuo termo ‘serviçais domésticas’. Aos olhos dos ex-proprietários de escravos, ‘serviço doméstico’ devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo da escravidão. (...) as mulheres negras trabalhavam de cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo o tipo (DAVIS, p. 105-106).

Através dos pensamentos de Ujunwa, é possível perceber que, uma característica forte do colonialismo - os negros servindo aos brancos - ainda exista na África atual: “ (...) o resort tinha a complacência dos bem alimentados, era o tipo de lugar onde, imaginava ela, turistas estrangeiros ricos corriam de um lado para o outro tirando foto de lagartos (...)” (ADICHIE, 2017, p. 105). A palavra “complacência” é definida pelo dicionário como “tendência usual para concordar com outra pessoa, buscando agradá-la ou tentando ser agradável; ação baseada na condescendência ou realizada por certa submissão censurável”⁸. O termo evidencia, assim, mais que sinais do período da colonização; ela aponta para características da escrita de Adichie, ao mostrar que, mesmo na contemporaneidade, a subordinação dos corpos negros é um fato que ainda se faz presente em contexto africano.

A escrita de Adichie revela, ainda, uma crítica social não só ao colonialismo, mas também ao patriarcado, que surge através da história de suas personagens femininas transgressoras. Carolina F. de Carvalho ratifica tal aspecto da escrita de Adichie, apontando para o caráter realista das obras da nigeriana, da potencialidade de transformar histórias reais em literatura, dando voz e destacando personagens africanos, que por tanto tempo foram silenciados: “A literatura realista de Adichie é processo, é abertura, é disputa com o discurso colonial (...)” (DE CARVALHO, 2018, p. 1451).

No conto, o colonialismo também aparece representado pela objetificação do corpo feminino. As primeiras páginas de “Jumping Monkey Hill” descrevem como o britânico Edward Campbell não demonstra respeito pelo espaço e pelo corpo feminino; fato que se torna mais evidente ao decorrer da narrativa, quando ele causa constrangimento ao assediar Ujunwa ou invalidar sua voz e a de outras participantes mulheres: “No começo, Ujunwa tentou não notar que Edward muitas vezes observava o seu corpo, que seus olhos nunca ficavam fixos em seu rosto, mas sempre um pouco mais para baixo” (ADICHIE, 2017, p. 116).

⁸ Definição do Dicionário Online de Português.

Esse trecho revela outra particularidade da escrita de Adichie: a maioria de suas personagens femininas aparecem, no início das histórias, como integrantes de um contexto patriarcal, porém incomodadas com a situação em que vivem e, por isso, refletem criticamente sobre os motivos dessa inquietação, buscando formas de expressar suas opiniões. O fragmento também mostra que a ideia da mulher negra ser uma figura sexual ainda é bastante presente na atualidade, apesar dos diversos movimentos para combater esse conceito. Sobre isso, hooks elucida:

(...) a maior parte das pessoas tende a ver a desvalorização da natureza feminina negra como ocorrendo apenas no contexto da escravidão. Na realidade, a exploração sexual das mulheres negras continuou muito depois da escravidão ter terminado e foi institucionalizada por outras práticas opressivas. A desvalorização da natureza feminina negra foi um consciente e deliberado esforço por parte dos brancos para sabotar a subida da autoconfiança e autorrespeito das mulheres negras. (hooks, 2014, p. 44)

Porém, à medida que o conto se desenvolve, é possível perceber que, mesmo estando imersa em um contexto de diversas evidências coloniais e patriarcais, tanto Chioma quanto a própria Ujunwa reivindicam o papel que é delas por direito - e usam a voz que tem e que tantas mulheres lutam para ter - para confrontar, ainda que temporariamente, a dominação masculina, branca e eurocentrada, representada na figura de Edward Campbell.

3.4 Rompendo a barreira do silêncio: a potência feminina negra no conto “Jumping Monkey Hill”

Um dos objetivos de Edward Said com seu livro *Orientalismo* é analisar como os países do Ocidente constroem uma imagem animalesca, sexual, ignorante e subalterna de países Orientais. Para isso, ele desenvolve um panorama histórico e explica que “falar de orientalismo é falar principalmente, embora não exclusivamente, de uma empresa cultural francesa e britânica” (SAID, 2007, p. 15). Assim, é possível compreender que, uma das estratégias usadas pelo império britânico para justificar a dominação (e colonização) africana foi “a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus” (SAID, 2007, p. 19), uma vez que divulgavam a perspectiva de que, no Oriente, havia muito exotismo e figuras animalescas que precisavam ser controladas.

No conto, uma das primeiras barreiras rompidas por Ujunwa Ogundu é a do Orientalismo, dado que, quando seu corpo é visto de forma exótica pela mulher de Edward

Campbell, Isabel, a jovem africana brinca com a ingenuidade da britânica, criando uma história exótica sobre a origem de sua família. O trecho já citado demonstra não só a sagacidade da protagonista, mas também a consciência de um agenciamento sobre seu próprio discurso. Ao conhecer a história verdadeira de seu povo (e não apenas uma versão dela), Ujunwa pode escolher a imagem que deseja transmitir para alguém em determinada situação. O trecho, como já vimos, mostra a desenvoltura e a confiança de Ujunwa ao falar com Isabel em um contexto no qual esta crê que apenas rainhas e princesas africanas podem ser consideradas bonitas dentro do padrão europeu: “Isabel usou um tom assim (delicado) quando se sentou ao lado de Ujunwa e disse que, mas é claro, com uma estrutura óssea elegante como aquela, ela só podia vir de uma família real nigeriana.” (ADICHIE, 2017, p. 109-110).

A mãe de Chioma, personagem do conto de Ujunwa, é outra mulher transgressora, pois rompe com a instituição do casamento. No sistema patriarcal, o matrimônio é apresentado como algo que deve ser respeitado e valorizado, e o homem é tido como o provedor financeiro da família. A história de Chioma não foge dessa regra: a mãe dela possui uma loja de sapatos, porém, essa loja é patrocinada pelo pai. A mãe de Chioma sabe que o pai tem uma amante (chamada no conto de Mulher Amarela) há um ano, mas segue casada, o que reforça a ideia de matrimônio discutida por De Moraes e Martins.

O matrimônio se tornou uma verdadeira prisão para a mulher, um ambiente do qual o Estado não se fazia presente e todo o poder era concedido ao marido, o patriarca. (...) A partir do casamento, ignora-se também toda a autonomia e autodeterminação da mulher e passa-se a considerá-la como se fosse um patrimônio do patriarca (DE MORAES; MARTINS, 2021, p. 5-6).

A mãe passa a romper com essa situação quando a Mulher Amarela vai à sua loja comprar sapatos com o dinheiro do pai de Chioma. A mãe se sente ofendida e responde a isso agredindo a amante. O pai, quando sabe, culpabiliza e repreende o comportamento da mãe e sai de casa. A transgressão da mãe acontece no momento em que ela decide não ir atrás do pai, mesmo ele sendo o provedor econômico da família. Então, ela encontra uma alternativa financeira do que pode fazer para prover seu sustento de forma independente.

A mãe de Chioma disse: “nunca neste mundo. Não vou implorar, já chega”. Sua boutique estava indo a falência, pois era o pai de Chioma que sempre a ajudara a importar sapatos de Dubai. Então, ela baixou os preços, colocou anúncios na *Joy* e na *City People* e começou a vender sapatos feitos em Aba. (ADICHIE, 2017, p. 115)

A ação da mãe de Chioma evidencia uma faceta importante da escrita de Adichie: suas personagens femininas buscam interromper os ciclos de subalternidade impostos pelo colonialismo e patriarcado. A partir do momento em que a mãe estabelece que não irá pedir ao

pai para retornar, ela quebra o ciclo de dependência e subordinação que é imposto pelo casamento nos moldes coloniais europeus. Rocha e Silva sintetiza esse traço da escritora nigeriana: “a literatura de Chimamanda Adichie representa a árdua tarefa de recuperar a alteridade do sujeito subalterno feminino a partir da conquista do poder de fala e, principalmente, do seu lugar nas relações de trabalho” (ROCHA, 2016, p. 167).

Em “Jumping Monkey Hill”, a personagem de Ujunwa segue os passos da mãe e se mostra como uma jovem confiante que busca romper com a ideia da mulher negra como sendo um ser hiper-sexualizado. Em um dos momentos em que conta sobre uma entrevista de emprego, Chioma reage de forma a impor respeito, não permitindo que seu corpo seja objetificado e assediado. “Após as primeiras perguntas, o homem diz que vai contratá-la, e então atravessa a sala, se posta atrás de Chioma e passa os braços sobre os ombros dela para apertar seus seios. ‘Seu idiota! Dê-se ao respeito!’, diz ela, entredentes, e vai embora.” (ADICHIE, 2017, p. 110)

Assim, é possível perceber que, mesmo diante das dificuldades em conseguir uma oportunidade profissional, Chioma não se subordina a um tratamento degradante e depreciativo, mostrando que reflete e entende que ela merece ser vista como um ser humano e tratada com respeito, findando com a visão que os homens - principalmente os brancos - tinham das “mulheres negras como ‘bestas’, selvagens sexuais e desadequadas para o casamento” (hooks, 2014, p. 48).

A fala de Chioma também serve para elucidar a presença do feminismo na escrita de Adichie (e de Ujunwa, por conseguinte). Ao ler as obras da autora, percebe-se que, por mais que as personagens não se intitulam como feministas, características do discurso e práxis feministas sempre fazem parte do repertório das personagens. Em uma entrevista divulgada no jornal Correio do Povo, Adichie aponta que:

Há muitas mulheres no continente africano que são feministas, mas que não usam a linguagem ocidental, que nem sequer se chamam de feministas, mas na forma como vivem suas vidas o são, porque se consideram plenamente humanas e plenamente iguais”, reconheceu. Isso inclui **“mães solteiras que deixam casamentos abusivos, apesar de terem muita pressão familiar para permanecer”**, bem como “escolher ser ambiciosa e não se desculpar por isso”. (ADICHIE, 2018, grifo da notícia)

Em via paralela a de Chioma, Ujunwa se mostra como uma personagem que se sente incomodada com os padrões de comportamento coloniais e patriarcais de Edward, e aos poucos, vai adquirindo confiança para expressar sua voz e romper com tais características. Alguns momentos da história são primordiais para fomentar em Ujunwa a segurança que ela precisa

para responder de forma positiva - com um grande “sim” - a famosa pergunta que intitula o livro de Spivak (2010): “Pode o subalterno falar?”.

Um dos momentos que aflinge Ujunwa e desperta sua atenção sobre a necessidade de se impor é quando Edward a assedia de forma bem explícita. Os integrantes do *workshop* estão sentados no terraço, pois a manhã estava bem quente. Quando Edward chega, não há lugar para ele sentar; Ujunwa oferece um lugar, de forma educada, porém, a resposta dele aponta para o desejo sexual que ele, homem branco, cultiva em relação a ela:

Ujunwa viu que todos os lugares sob os guarda-sóis estavam ocupados. “Eu não me importo de sentar no sol”, disse ela, já se levantando. “Quer que eu levante para você, Edward?” “Gostaria muito que você se deitasse para mim.” O momento foi úmido, espesso. Um pássaro grasnou ao longe. Edward sorria. Só o ugandês e o tanzaniano tinham escutado. Então o ugandês riu. E Ujunwa riu, porque era engraçado e espirituoso, ela disse a si mesma, se você parasse para pensar (ADICHIE, 2017, p. 116).

A fala de Edward ratifica uma concepção que por muito tempo fez - e infelizmente, ainda faz - parte da imagem que muitas pessoas brancas têm das mulheres negras. hooks sintetiza o tópico, dizendo: “a desvalorização institucionalizada da natureza feminina negra encorajou todos os homens brancos em olhar as mulheres negras como vacas ou prostitutas” (2014, p. 46). Ujunwa não se contrapõe, naquele momento, à fala de Edward, seus sentimentos foram reprimidos e ridicularizados por meio de risos masculinos. Mas, isso não significa que ela aceita, de forma passiva e vitimizada, o que acontece.

Uma angústia cresce dentro de Ujunwa, pois ela fica aborrecida com a forma como agiu - rindo - diante de uma fala tão ofensiva. Tais sentimentos já não cabem dentro dela; e ela, em um momento de descontração, compartilha a sua percepção, de que Edward a via de forma sexualizada, com os outros participantes do *workshop*:

Não tinha sido engraçado. Nem um pouco. Ela havia odiado a frase, odiava o sorriso de Edward, (...) odiava a maneira como ele sempre olhava para os seus seios e não para o seu rosto, a maneira como os seus olhos escalavam todo o seu corpo, e, no entanto, se obrigara a rir como uma hiena enlouquecida. Ujunwa largou sua taça de vinho pela metade e disse: “Edward está sempre olhando para o meu corpo”. O queniano, a sul-africana e a zimbabuense olharam para ela, perplexos. Ujunwa repetiu: “Edward está sempre olhando para o meu corpo” (ADICHIE, 2017, p. 118-119).

A resposta deles ao comentário de Ujunwa a deixa ainda mais chateada:

O queniano disse que tinha ficado claro desde o primeiro dia que o homem ia montar naquele palito de sua mulher desejando que ela fosse Ujunwa; a zimbabuense disse que sempre havia uma expressão faminta nos olhos de Edward quando ele fitava Ujunwa; a sul-africana disse que Edward jamais olharia daquele jeito para uma mulher branca, porque o que sentia por Ujunwa era desejo sem nenhum respeito. “Vocês todos

perceberam?”, perguntou Ujunwa. “Vocês todos perceberam?” Ela se sentiu estranhamente traída (ADICHIE, 2017, p. 119).

O sentimento de traição aqui está associado à complacência das testemunhas e seu pacto de silêncio. Ninguém fala com ela sobre o assunto, ninguém expõe sua opinião para ela ou para Edward. O silêncio, mais uma vez, domina a situação. Em seu livro *Pensamento feminista negro*, Patricia Hill Collins explica que falar da sexualidade feminina negra não é tão simples por diversos motivos, como, por exemplo, o fato de que a imagem sexualizada das mulheres persiste porque “são os grupos dominantes que constroem as mulheres negras como ‘a personificação do sexo, e a invisibilidade das mulheres negras como desprovidas de voz e despercebidas – tudo o que não é branco’ ” (COLLINS, 2019, p. 129). Além disso, o fato desse assunto ainda ser visto como tabu contribui para que o tópico se configure como um elemento que promove a opressão de mulheres negras através da supressão da discussão. Porém, Collins persiste ressaltando que o tema deve ser discutido dentro do feminismo negro e de forma interseccional, pois ele está integrado a questões de gênero, raça e classe:

Estudar a sexualidade das mulheres negras revela de que modo a sexualidade constitui uma importante esfera de convergência de heterossexismo, classe, raça, nação e gênero como sistemas de opressão. Para as mulheres negras, abrir mão do controle das autodefinições de sua sexualidade confirma as múltiplas opressões. Isso porque todos os sistemas de opressão tiram proveito do poder do erótico. Em contraste, a sexualidade das mulheres negras pode se tornar um importante lugar de resistência quando é autodefinida por nós mesmas. Assim, do mesmo modo que aproveitar o poder do erótico é importante para a dominação, reivindicar e autodefinir esse erotismo pode se mostrar um caminho para o empoderamento das mulheres negras (COLLINS, 2019, p. 132).

No caso de Ujunwa, contudo, é possível compreender que o seu silêncio diante da situação associado às opiniões dos outros participantes contribui para o seu empoderamento, o seu momento de reivindicar e tomar posse de sua voz. Collins elucida que “O silêncio não deve ser interpretado como submissão a essa consciência coletiva e autodefinida das mulheres negras.” (COLLINS, 2019, p. 106) Assim, Collins explica que, por mais que as mulheres negras não tivessem a oportunidade e/ou não conseguissem se expressar e se impor, isso não significava que elas aceitavam, pacificamente, a situação.

Ao longo da trajetória das mulheres negras, várias feministas negras servem como exemplo para indicar que a voz das mulheres negras não era de vítima, mas sim de sobrevivente. Diante disso, Collins aponta que, muitas vezes, é no pensamento que as mulheres negras transcendem “os limites das opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade” (COLLINS, 2019, p. 106). E foi através do pensamento, da reflexão crítica que Ujunwa começa

o seu processo de transgredir o silenciamento colonial. Tal processo já se inicia em sua escrita, em uma prática íntima de reelaboração dessas opressões.

Ao levantar para tomar café da manhã no dia posterior à conversa com os participantes do *workshop*, Ujunwa descobre que Edward também faz comentários ofensivos em relação ao corpo da senegalesa. A tarde, Ujunwa decide conversar com a colega e pergunta a senegalesa como ela reagiu diante de tal comportamento do britânico. A senegalesa explica que “continuará a ser uma lésbica feliz e não havia necessidade de dizer nada para ele” (ADICHIE, 2017, p. 121). O silêncio da senegalesa desperta inquietações e questionamentos em Ujunwa. “‘Mas por que nós nunca dizemos nada?’, perguntou Ujunwa, erguendo a voz e olhando para os outros. ‘Por que nunca dizemos nada?’ ” (ADICHIE, 2017, p. 121). O uso da expressão “erguer a voz” neste trecho sinaliza, assim, uma manifestação audível e concreta da reflexão crítica e do rompimento da protagonista que já ocorria em seus processos subjetivos mais internos.

A transgressão, tão característica das personagens femininas de Adichie, se destaca, então, ao longo de “Jumping Monkey Hill”. Ujunwa se afirma como uma personagem que rompe com a subordinação e inferioridade que o papel de ser o ‘outro’, estabelecido desde o período colonial, designou para ela. Em seus pensamentos, o medo e a opressão são reduzidos e a autoconfiança para se expor vai conquistando mais espaço. Tal movimento em Ujunwa é corroborado pelas colocações de Collins ao citar Belenky: “Para aprender a falar com uma voz única e autêntica, as mulheres devem ‘se lançar para fora’ dos enquadramentos e dos sistemas fornecidos pelas autoridades e criar seu próprio enquadramento’ ” (BELENKY, 1986, p. 134 apud COLLINS, 2019, p. 108).

Frustrada com a resposta da senegalesa a essa situação, Ujunwa observa os colegas, esperando o posicionamento deles. A maioria muda de assunto e não demonstra interesse em retomar a discussão. O sul-africano expressa sua opinião sobre o ocorrido e diz que “Edward era só um velho que não queria fazer mal a ninguém” (ADICHIE, 2017, p. 122). Ao ouvir o comentário, Ujunwa tem uma reação, quase automática, de responder ao colega, ressaltando o quão colonial era o comportamento de Edward: “Ujunwa gritou para ele: ‘é por atitudes desse tipo que eles puderam matar vocês, enfiar todos em *townships* e exigir passes para vocês andarem em sua própria terra!’ ” (ADICHIE, 2017, p. 122). O grito de Ujunwa pode ser analisado como o momento em que ela entende a importância de erguer voz, rompendo com a ideia de que o subalterno não pode falar, que o outro é sempre inferior, que a mulher negra não deve ser ouvida e respeitada.

Na cena em que Ujunwa lê seu conto, a história que escreveu sobre Chioma, para Edward e os outros participantes do *workshop*, nota-se que ela é surpreendida com o retorno

que recebe dos colegas e de Edward. De modo geral, o grupo dá *feedbacks* positivos e construtivos, porém Edward reafirma sua visão colonial ao dizer: “ ‘Nunca é exatamente assim na vida real, não é? As mulheres nunca são vítimas dessa maneira tão grosseira, e certamente não na Nigéria. A Nigéria tem mulheres em posições de poder. A ministra mais importante do gabinete é mulher’ ” (ADICHIE, 2017, p. 123).

O britânico continua: “ ‘O conto inteiro não é plausível’, disse Edward. ‘Isso é literatura ideológica, não é uma história real sobre gente de verdade.’ ” (ADICHIE, 2017, p. 124). Ujunwa fica decepcionada ao ouvir tais palavras, pois sua escrita, se quer, foi elogiada por ele. Contudo, “a expressão de triunfo nos olhos dele” (ADICHIE, 2017, p. 124), desperta, mais uma vez e, de forma mais intensa, a necessidade de falar em Ujunwa. E a reação dela mostra uma característica importante das personagens de Adichie: a ruptura com o colonial e patriarcal através do empoderamento feminino.

Os participantes olharam para ela, atônitos. Ujunwa riu, riu, riu, enquanto eles olhavam. Afinal, ela pegou seus papeis. “Uma história real sobre gente de verdade?” repetiu, encarando Edward. “A única coisa que eu não acrescentei à história foi que, depois que eu deixei minha colega e saí da casa do *hadji*, entrei no jipe e insisti para que o motorista me levasse para casa, porque eu sabia que aquela seria a última vez que eu ia andar nele” (ADICHIE, 2017, p. 124).

O final do conto indica que Ujunwa decide abraçar sua voz, torná-la pública, enfrentar o sistema e se firmar como uma mulher negra que luta pelos seus direitos, por igualdade e respeito e, sobretudo, pelo seu direito de fala, seja ele na escrita criativa ou fora dela. Esses traços feministas presentes em Ujunwa revelam muito da escrita de Adichie: a autora constrói personagens femininas transgressoras e surpreendentes, mostrando o crescimento da autonomia da mulher negra. Outro traço da escrita de Adichie é a produção de textos que “problematiza os padrões ideológicos do dominador” (ROCHA, 2016, p. 155) e apresente o ponto de vista do colonizado, transformando a história única em uma história de múltiplas perspectivas.

Esta visão pluridimensional também pode estar associada à estratégia da metaficção no conto de Adichie, uma vez que o conto termina com Ujunwa se perguntando se a ação de ir embora (que ela faz do *workshop* e que Chioma faz da casa do *hadji*) seria um final plausível para seu conto. Ao desenvolver uma protagonista que se debruça sobre a escrita, criando, diante dos olhos-leitores, uma personagem que enfrenta uma “história real de gente de verdade” (como a própria Ujunwa), Adichie nos remete a uma experiência única e integrada de leitura e nos convida a refletir sobre os ciclos da colonialidade, do patriarcado e, também, dos atos transgressores de gerações de mulheres negras que vivem dentro destes contextos.

O ato de Ujunwa de ir embora do debate sobre seu conto no *workshop* pode ser visto como uma metáfora: ela não vai embora só daquele local, ela também deixa para trás os sentimentos que silenciou por imposição do sistema em que está inserida, sua subalternidade, o pacto de complacência com o assédio e a objetificação do corpo feminino. Mesmo sabendo que havia sempre mais a dizer, Ujunwa sabia que não era mais sua responsabilidade: ela estava saindo de cabeça e voz erguidas!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Nigéria se tornou independente em 1960, porém, hoje, 63 anos depois, ainda é possível perceber como os valores coloniais e patriarcais fazem parte da vida desse povo. Ao grupo constituído pelas mulheres negras, foi associada a imagem de seres hiper-sexualizados, exóticos e subalternos. À medida que o discurso opressor branco europeu, criado para inferiorizar o povo negro, se expande pelo mundo, observa-se a persistência dos discursos ofensivos e pejorativos ao corpo da mulher negra. Porém, a luta das mulheres negras por igualdade e respeito também cresceu e, cada vez mais, elas se mostram transgressoras aos sistemas que as oprimem.

Ao analisar o contexto brasileiro, entende-se que, em 2022, segundo dados de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de metade da população do país (56%) se autodeclara preta ou parda. Como o Brasil também foi uma colônia europeia que cresceu financeiramente a partir da exploração do trabalho escravo e negro, a imagem distorcida da mulher negra também é uma característica presente no país. Os números da pesquisa feita pelo Instituto DataFolha em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, publicada no primeiro semestre desse ano, elucidam que, dentre as mulheres negras, 49,1% foram vítimas de algum tipo de assédio em 2022; já com as mulheres brancas, esse número foi um pouco menor, 42,2%. Ou seja, quase metade da população de mulheres negras no Brasil foram submetidas a algum tipo de violência sexual. Tais dados apontam para a urgência de debater e combater o racismo, o assédio e a desvalorização da figura feminina, principalmente, a negra.

Ao longo da história, é possível perceber que a literatura de mulheres negras acompanhou a trajetória delas e também mudou. Textos com críticas sociais à escravidão, à hiper-sexualização das mulheres negras e às marcas do domínio branco europeu emergiram. As discussões sobre o silenciamento imposto às mulheres negras pela branquitude foi dividindo espaço com a busca delas por autonomia e pelo direito de expressar suas vozes. Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana da contemporaneidade que se destaca por suas personagens femininas que rompem com o silenciamento imposto por um sistema que perpetua os pilares da colonialidade: o patriarcado, o racismo e a exploração sexual dos corpos femininos negros.

No conto “Jumping Monkey Hill”, de Adichie, o/a leitor(a) acompanha o caminho de Ujunwa, uma jovem negra que deseja ser escritora e se inscreve para participar de um workshop para escritores africanos. O resort de luxo, que sedia o *workshop* e o conto de Adichie, já aponta

para alguns dos temas que serão abordados na análise, como a voz transgressora feminina negra. Integrando duas histórias, a de Ujunwa e da personagem de seu conto, Chioma, Adichie mostra o fortalecimento da identidade de suas personagens enquanto mulheres negras e a autonomia que desenvolvem para que, no desfecho, sejam ouvidas e respeitadas.

A produção desse trabalho foi motivada por experiências que vivi e principalmente, que presenciei sendo filha de uma mulher negra: a desvalorização da mulher negra ainda é uma constante na atualidade, assim como o assédio direcionado a elas. Em 2017, surgiu nas redes sociais o movimento *Me too*, liderado pela ativista estadunidense Tarana Burke, que visa romper com o silenciamento feminino diante de suas experiências de violência e das ações de assediadores. Adichie também participou do movimento *Me too* nas redes sociais e sinalizou uma situação de assédio que aconteceu com ela no início de sua vida adulta. Em entrevista ao site *El País*, ela comentou porque trouxe o caso a tona depois de anos de seu acontecimento:

Senti que devia isso a todas as mulheres corajosas que começaram o movimento *MeToo*. Que não podia ser esta feminista famosa, dizer que não devíamos estar envergonhadas e, mesmo assim, não contar minha própria experiência. (...) Eu era jovem, tinha 17 anos, estava a ponto de publicar um livro de poemas e pensava no seu lançamento. Então fui ao escritório de um senhor importante. Foi muito amável comigo. Surpreendeu-me muito a informalidade do assunto. “Que legal que você gosta de livros e blábláblá...”. Colocou-se atrás de mim e pôs suas mãos na minha camisa. Fiquei tão desconcertada que não soube o que fazer. Simplesmente lhe sorri, não queria ofendê-lo. É o que mais me zanga quando penso nisso. Eu estava sorrindo (ADICHIE, 2019).⁹

Ao expor sua história, Adichie cria mais conexão com seus leitores e mostra seu olhar humano para as mulheres. Ademais, reforça como é importante o posicionamento feminino para que temas como o assédio sejam debatidos como forma de minimizá-los. Desse modo, o presente trabalho pode servir de base para outros trabalhos que visem debater a importância de romper com o silenciamento feminino, de combater os traços coloniais e patriarcais que ainda se fazem presente na sociedade ou ainda enriquecer pesquisas futuras que analisem o conto “Jumping Monkey Hill” e outros aspectos relevantes dele, como por exemplo, a relação de Ujunwa e Chioma com suas respectivas mães.

A fluidez da escrita de Adichie e as diversas possibilidades de análise e aprendizado contidas nos contos da escritora me encantaram e me impactaram desde o primeiro período da graduação. À medida que avancei no curso e nos estudos, minha vontade de conhecer e entender melhor as causas e efeitos de sistemas de opressão - como racismo e o sexismo - que vi

⁹ Texto de Pilar Álvarez para o jornal *El País*.

acontecer de perto, principalmente, com minha mãe, foram a motivação necessária para a construção desse trabalho.

Ver a postura da minha mãe de mostrar a sua voz em um mundo que impõe o silenciamento é algo mais que transgressor, é inspirador. Perceber o quanto ela me motiva a ser uma mulher que expõe a sua voz me faz querer aprender ainda mais sobre o feminismo e a voz feminina. A partir desse trabalho, espero poder contribuir para outras histórias, que assim como a minha, a de Adichie, a de Ujunwa e a de Chioma questionem a opressão contra as mulheres e revele todo o empoderamento que há dentro de cada uma de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. The danger of a single story (O perigo de uma única história). Tradução: **Portal Géledes**. Traduzido por: Erika Barbosa. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/#:~:text=A%20consequ%C3%Aancia%20de%20uma%20%C3%BAnica,inv%C3%AAs%20de%20como%20somos%20semelhantes>. Acesso em: 9 set. 2023.

ÁLVAREZ, Pilar. Chimamanda Ngozi Adichie: “Não estava em meus planos ser um ícone feminista”. **El País**. Seção Entrevista. 7 dez. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/04/eps/1575477143_604947.html. Acesso em 15 out. 2023.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CARVALHO, Ricardo Ossagô; TUBENTO, Medilanda Eliseu Amós. Matriarcado africano: uma análise nos escritos dos feminismos. **Tensões Mundiais**, v. 17, n. 33, p. 305-328, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COMPLACÊNCIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7graus. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/complacencia/>. Acesso em 7 out. 2023

CÔRTEZ, Geandra Karla de Avelar; ANDRADE, Émile Cardoso. BUCHI EMECHETA. **Anais do Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. Boitempo Editorial. São Paulo, 2016.

DE CARVALHO, Carolina Fabiano. O realismo de Chimamanda Ngozi Adichie e a Literatura Decolonial. In: Congresso Internacional da ABRALIC. 2018. Uberlândia. p. 1445-1453.

DE FIGUEIREDO, Priscila Silva; MARTINS, Valéria Soares. O Feminismo Interseccional na articulação do saber acadêmico e da ação política: reflexões a partir da experiência de um coletivo feminista. **ODEERE**, v. 5, n. 10, p. 334-344, 2020.

DE MORAES, Lara Rodrigues; MARTINS, Nicole Emanuelle Carvalho. **O instituto do casamento nos moldes patriarcais: a violência doméstica e a tese da legítima defesa da honra**. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-internacional-de-ciencias-criminais/assets/edicoes/2021/arquivos/71.pdf>. Acesso em 10 out. 2023.

DE OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli. O matriarcado e o lugar social da mulher em África: uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **ODEERE**, v. 3, n. 6, p. 316-339, 2018.

DOS REIS, Raissa Brescia. Négritude em questão: das multiplicidades e conceitualizações do movimento por ocasião do Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros (1956). **Temporalidades**, v. 4, n. 2, p. 142-154, 2012.

FOCHI, Graciela Márcia; ZIRBEL, Ilze. Patriarcado e sujeição das mulheres. **DESENVOLVIMENTO, FRONTEIRAS E CIDADANIA**, v. 4, n. 6, p. 56-74, 2020.

GLOBOPLAY. Samen fala sobre assédio sofrido por hóspede em um hotel. **Globoplay**, 2022. Reportagem sobre assédio. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10778485/> Acesso em: 04 mar. 2023.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 193-210, 2015.

_____. Não sou eu uma mulher. **Mulheres negras e feminismo**. Tradução livre - Plataforma Gueto. v. 1, 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso dia 19 ago. 2023.

HUMAN RIGHTS CHANNEL. Sexismo: definição do termo. Disponível em: <https://human-rights-channel.coe.int/stop-sexism-pt.html>. Acesso em 10 set. 2023.

JIMÉNEZ, Claudia Salazar. Chimamanda Ngozi Adichie: “Nossa época obriga a tomar partido”. **El País**. 11 out. 2017. Seção Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html. Acesso em 15 out. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

KLEIN, Janaina Luzia. **O catolicismo e a reprodução da desigualdade de gênero nas relações sociais de mulheres que vivem sua religiosidade**. 2021. 67p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social). Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2021.

LEITE, Joana Albuquerque di Lucia Cerqueira. **A literatura transgressora na obra de Charles Bukowski: uma proposta de tradução comentada para o “Velho safado”**. 2018. 84p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras - Tradução - Inglês). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LEMOES, Carolina Teles. Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 11, n. 2, p. 201-217, 2013.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. Reino Unido: Routledge, 2002.

LOPES, Ana Mónica Hnriques. Neocolonialismo na África. **Sankofa (São Paulo)**, v. 4, n. 8, p. 12-21, 2011.

MARCELO, Nathalia Almeida. As marcas da colonização na Nigéria no século XX. **Revista África e Africanidades**, ano XI, n. 28, p. 1-10, 2018.

MOREIRA, Marina Magalhães. **Estado e Patriarcado: dois lados da mesma moeda - Uma revisão bibliográfica pela ótica marxista**. 2019. 69p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciência Política e Sociologia). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

MOVIMENTO contra assédio está “muito atrasado”, considera Chimamanda Ngozi Adichie. **Correio do Povo**. 26 jan. 2018. Seção Arte & Agenda. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/movimento-contra-ass%C3%A9dio-est%C3%A1-muito-atrasado-considera-chimamanda-ngozi-adichie-1.252751>. Acesso em 14 out. 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies**. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-8, 2004.

PEW RESEARCH CENTER. Table: Religious Composition by Country, in Percentages. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2012/12/18/table-religious-composition-by-country-in-percentages/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

_____. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Raísa D. **Feminismos: o que as feministas querem?** Feminismo Literário. 2021. Recurso digital.

ROCHA, Hellyana et al. Intersecções Entre Gênero E Trabalho Na Literatura De Chinua Achebe E Chimamanda Ngozi Adichie. **Porto das Letras**, v. 2, n. 3, p. 151-170, 2016.

ROCHA, Roseli da Fonseca. Especial O Ministério da Saúde e o PNI | A cor da desigualdade: a Política de Saúde da População Negra. **Casa de Oswaldo Cruz**. 21 ago. 2023. Disponível em: <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-cor-da-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html>. Acesso em: 17 out. 2023.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIRELLI, Paula Martins; DE SOUSA, Marília de Oliveira. Religião e a propagação da ideia de submissão da mulher. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, v. 1, n. 2, p. 200-218, 2017.

TELO, Florita Cuhanga António. O pensamento feminista africano e a carta dos princípios feministas para as feministas africanas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, p. 1-12, 2018.

VISÍVEL E INVISÍVEL: A vitimização de mulheres no Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Datafolha Instituto de Pesquisas. 4ª ed. 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em 17 out. 2023.